

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE

DALVA REJANE DO CARMO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA
LEITURA**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2016

DALVA REJANE DO CARMO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA
LEITURA**

Relatório de pesquisa apresentado ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/POSGRAP.

Área de concentração: Linguagem e Letramentos

Linha de pesquisa: Teorias da Linguagem e Ensino

Orientadora: Prof^a. Dra. Laura Camila Braz de Almeida

SÃO CRISTÓVÃO / SE

2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Carmo, Dalva Rejane do

C287c A contação de história no processo de aprendizagem da leitura /
Dalva Rejane do Carmo ; orientadora Laura Camila Braz de
Almeida.– São Cristóvão, SE, 2016.
72 f.

Relatório de pesquisa (mestrado Profissional em Letras) –
Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Leitura. 2. Arte de contar histórias. 3. Literatura. I. Almeida, Laura
Camila Braz de, orient. II. Título.

CDU 808.1

AGRADECIMENTOS

Gratidão. Gratidão. Gratidão. A maior virtude do ser humano é ser grato. Quero agradecer a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, não como um clichê, mas com todas as fibras do meu coração.

Aos meus pais Walter e Rivalda, por serem pessoas com quem posso contar.

Aos meus irmãos Rui, Silvinha, Alessandra, Valtinho (*in memoriam*) e Victor. Somos da mesma equipe.

Ao meu filho Pedro Rafael, por ser meu companheiro em todas as horas.

Às minhas tias Lindete, Bernadete e Eugênia, por estarem sempre disponíveis quando eu preciso.

À minha orientadora, a doce Laura, pela compreensão e paciência.

Às coordenadoras Tereza e Greicy, pelo apoio.

A Rômulo, secretário do proletras pela amizade e solicitude.

Aos meus colegas de curso, pessoas de boa índole e bom humor, dentre as quais destaco duas em especial: Silvinha e Francis.

A Adilson, meu colega da graduação, pela empatia e disponibilidade.

Ao amor da minha vida, que sempre me disse que tudo daria certo!

STORYTELLING

Os discípulos perguntaram: “Por que contar histórias? ”.

Ele respondeu: “Vocês já ouviram bastante a respeito do Reino de Deus. Conhecem as suas verdades. Mas nem todos tiveram esse privilégio. Quando alguém tem o coração preparado, a compreensão é real. Mas, se não houver receptividade no coração, logo desaparece. Por isso conto histórias. Meu objetivo é criar disposição, levar o povo a receber a mensagem. Nas condições em que se encontram, eles ficarão ouvindo até o dia do juízo e não entenderão nada. Vão ficar irritados por ouvir tanto e não entender coisa alguma. Que não se repita a previsão de Isaías:

Seus ouvidos estão abertos, mas não entendem uma palavra.

Seus olhos estão abertos, mas não veem nada.

Esse povo é cabeça-dura!

Eles tapam os ouvidos com os dedos

para não ter de escutar.

Eles fecham os olhos

para não serem obrigados a ver,

e, assim, evitam ficar comigo face a face

e me deixar curá-los.

Vocês, no entanto, têm olhos abençoados por Deus – olhos que veem! E ouvidos abençoados por Deus – ouvidos que ouvem! Muita gente, profetas e crentes humildes, daria qualquer coisa para ver o que vocês estão vendo e ouvir o que vocês estão ouvindo, mas nunca tiveram chance. ”

Mateus, 13, 10-17

“Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo”.

Hermann Hesse

CARMO, Dalva Rejane do. **A contação de histórias no processo de aprendizagem da leitura**. 2016. 72f. Relatório de Pesquisa (Mestrado Profissional em Letras – Área de Concentração: Linguagens e Letramentos) – Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Letras. São Cristóvão, 2016.

RESUMO

O ser humano distingue-se dos outros animais pela capacidade de raciocinar e consequentemente de traduzir esse raciocínio através da palavra, seja ela falada ou escrita. A escrita, na nossa sociedade, tem um grande valor e sobrepuja a oralidade (MARCUSCHI (2008). Isso pode ser um grande equívoco, porque tanto uma quanto a outra são duas maneiras de as pessoas organizarem seus discursos e praticarem suas interações cotidianas. A fala e a escrita são duas práticas discursivas, e a escola deve preparar o aluno para entendê-las e utilizá-las em momentos e contextos variados e adequados. Sendo assim, este projeto propôs-se a apresentar um romance clássico, escrito no século XIX, a alunos do 6º ano da Escola Estadual 17 de março, através do processo de contação de histórias. Por que trabalhar um clássico no ensino fundamental? Sempre acreditamos que esperar até que o aluno chegasse ao ensino médio nas aulas de literatura para apresentar-lhes e impor a leitura de cânones da literatura seria fazer com que o estudante passasse a ter aversão a esse tipo de leitura. O objetivo do projeto é que, através da contação de histórias, o aluno tenha acesso a textos clássicos, e isso venha a despertar sua curiosidade para a leitura de uma maneira geral. O hábito de leitura amplia o poder de concentração do aluno. A base teórica para efetivação da pesquisa foram: KOCH (2015), KLEIMAN (2001), SOLÉ (2009), LAJOLO (2001) e MARCUSCHI (2008). Todo o processo foi registrado em caderno pedagógico no qual foi aplicada uma sequência didática e que servirá de subsídio para futuras intervenções. É nosso desejo que essa experiência seja multiplicada e que a formação de leitores seja a prática norteadora das aulas de Língua Portuguesa em qualquer período da vida escolar.

Palavras-chave: Leitura. Contação. Literatura. Formação de leitores.

CARMO, Dalva Rejane do. **Storytelling in the process of learning to read.** 2016. 72f. Research report (Professional Master's degree in Letters - Concentration field: Languages and Literacy) Federal University of Sergipe. Post-graduation Programme in Letters. São Cristóvão, 2016.

ABSTRACT

The human being differs from other animals because they are able to think rationally and transform their thoughts in oral or written communication. For our society, writing is a valuable tool that usually surpasses speaking. However, Marcuschi (2008) states that it might be a huge misconception, because either speaking or writing are the ways that people have to organize their speech and to daily interact. Considering that both oral and written communication are discursive practices, schools should prepare their students to understand and apply those types of communication on a variety of situations and appropriate context. This study proposed to present a classic literature, written in XIX, to students from 6th elementary teaching years of the state school “ Escola Estadual 17 de março”, through the method of storytelling. Why should we read a classic book to students at elementary school? I always believed that wait until students reach high school to present a literary canon as an obligation would be just a way to make them hate this kind of literature. The purpose of this project is that, through the method of storytelling, the students have access to classic literature and that this lead to arouse their curiosity about reading in general. The Reading habit can expands the student's power of concentration. Theoretical basis to effect the research were: KOCH (2015), KLEIMAN (2001), SOLÉ (2009), LAJOLO (2001), MARCUSCHI (2008). The whole process was registered in a pedagogical notebook on which was applied a didactic sequence that will serve as an input to future interventions. It is our wish that this experience can be multiplied and the formation of readers be the guiding practice of Portuguese classes in any period of scholar life.

Key words: Reading. Storytelling. Literature

À memória dos meus avós maternos: Erundina e Manoel,
e a de meus avós paternos: Dalva e Waldemar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	13
2. 1 – Lendo e aprendendo.....	13
2.1.1 Do artesanal ao e-book	17
2.1.2 O prazer da leitura e a leitura por prazer	19
2.2 Leitura e cidadania.....	20
2.3 Por que contar histórias?	22
2.4 Professor leitor e formador de leitores	26
2.5 Literatura na escola – formação de leitores	28
3 – METODOLOGIA E SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	30
3.1 – Espaço escolar	30
3.2 – Dos contextos e dos sujeitos envolvidos na pesquisa.....	31
3.3 – Etapas do relatório	32
3.3.1 – 1ª etapa: Motivação	32
3.3.2 – 2ª etapa: Introdução	34
3.3.3 – 3ª etapa: Leitura	36
3.3.4 – 4ª etapa: Interpretação	37
4. ANÁLISE DOS DADOS	40
4.1 – PRODUÇÕES DOS ALUNOS	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICE - CADERNO PEDAGÓGICO.....	52

INTRODUÇÃO

Há anos que os cursos de graduação em Língua Portuguesa discutem o papel do professor como formador de leitores e a inapetência dos educandos em relação à leitura. Nas mãos do professor de Língua Materna coloca-se a enorme responsabilidade de fazer com que o aluno fale bem, escreva bem e seja um leitor competente.

Essa discussão encorpou-se e passou a ser respaldada, principalmente, a partir do surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1999), que colocaram os conteúdos gramaticais em segundo plano no processo ensino-aprendizagem e passaram a privilegiar a dimensão interacional e discursiva da língua, através do trabalho com os gêneros textuais. Dessa forma, pretende-se construir o leitor proficiente competente e, conseqüentemente, o desenvolvimento intelectual deste, no sentido de que seja capaz de utilizar o discurso com destreza, porque sabe lidar com as palavras.

O discurso, por sua vez, pressupõe a palavra, e as palavras estão, principalmente, nos livros. Portanto, a leitura, nesse contexto, seria a chave que abriria as comportas do discurso. E é fato que nossos alunos chegam ao ensino fundamental sem um envolvimento efetivo e afetivo com a leitura, por isso, têm dificuldade de assimilar os conteúdos escolares, comprometendo, dessa forma, seu desenvolvimento intelectual. Desse modo, esta pesquisa justifica-se por entender que o envolvimento com a leitura e o desenvolvimento da prática leitora não são ainda vistos pela escola como rotina essencial ao bom desempenho do aluno.

O Brasil tem obtido resultados pífios no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). Em 2012, na prova de leitura, a média do país foi de 410 pontos, levando-o à 55ª posição no ranking. O fato é que ainda deixamos muito a desejar quando o assunto é ler e compreender o que está escrito.

Por anos seguidos, os melhores alunos do mundo em leitura e interpretação de texto foram os finlandeses – no último exame, Xangai ficou em 1º lugar –, e o mérito dessa excelência tem relação íntima com a cultura livresca dos pais. Não basta exigir do filho que ele leia. É necessário ler para a criança e, mais ainda, ler com a criança. A escola é só um recorte da vida e na nossa cultura. Os pais têm responsabilizado a escola por todos os fracassos obtidos ao longo do ano letivo.

Quando os pais leem com frequência, os filhos acabam naturalizando o processo e absorvendo para si o hábito de ler, transformando prazer em desenvolvimento intelectual, já que o conhecimento é cumulativo. Nossas escolas têm um acervo eclético em suas

bibliotecas, mas estes ambientes permanecem, na maioria das vezes, vazios, quando não são utilizadas como a sala do “castigo”. O aluno que não se comportou bem em sala de aula vai para a biblioteca – local de silêncio e reflexão. Por causa de tantos equívocos não atingimos ainda a meta de erradicação do analfabetismo.

O Brasil tem uma população de aproximadamente 210 milhões de habitantes, e de acordo com o IBGE existem 13 milhões de analfabetos. Existem, ainda, os analfabetos funcionais, que são aquelas pessoas com menos de quatro séries de estudo concluídas e que, por isso, têm dificuldade em se relacionar com os livros.

Uma das principais funções da escola é ensinar a criança a ler, porque ao adentrar os portões da instituição, o aluno já consegue comunicar-se através da fala. Mas, por que a escola ensina a ler e não introjeta no educando o desejo, a vontade de ler?

Ler é, sobretudo, uma atividade voluntária e prazerosa (Solé, 2009). Em nossas salas de aula, essas palavras nem sempre encontram eco. Nossos alunos, na maioria das vezes, veem a leitura como uma atividade imposta pela escola e, portanto, desprovida de alegria. Ouvir histórias pode ser uma ponte para a leitura delas. Uma história bem contada atrai, seduz e encanta seus ouvintes.

Urge que se traga para a sala de aula encanto e sedução, sem que isso necessariamente prejudique a aprendizagem. E nada mais sedutor do que uma história bem contada. Sherazade seduziu o sultão, escapou da morte e evitou que outras donzelas fossem assassinadas, contando histórias e encerrando-as com um momento de suspense. Sherazade usava a narrativa como um meio de sobrevivência – narrar para não morrer – , sempre deixando para o dia seguinte a resolução do enigma. Isso deixaria o sultão ansioso, em estado de expectativa pelo final da história. Esse é o desafio. Isabel Solé (2009) nos diz que é necessário desafiar o aluno para que este tenha interesse pela leitura, levando-se em conta que existem situações de leitura que são mais motivadoras do que outras.

Conforme Cosson (2014), “nossa constituição como leitores passa necessariamente pela relação afetiva que mantemos com os textos, e guardá-los no coração e dizê-los em voz alta com a força da emoção é uma maneira de demonstrar isso”.

Diferente do bombardeio intelectual, a história está ligada à emoção, sendo memorizada com mais facilidade. As narrativas marcam o ser humano, porque permitem novas leituras de mundo e leituras de si próprio. No processo de contação de histórias estamos ensinando o aluno a escutar a nós professores. As narrativas exemplificam conceitos de uma forma lúdica. Educar é contar histórias. O grande desafio da sala de aula hoje é tornar o assunto atraente.

Contar histórias propicia ao aluno o uso da imaginação, do encantamento e da criatividade; proporciona prazer e aprimora a prática pedagógica.

Sendo um dos objetivos deste projeto o aprimoramento da prática pedagógica, o método utilizado foi a pesquisa-ação. Essa metodologia permite que o pesquisador assuma dois papéis: pesquisador e participante do grupo. Toledo (2012) nos diz que “na pesquisa-ação as intervenções e a produção do conhecimento se inter-relacionam”.

O modelo adotado foi a sequência básica proposta por Cosson (2014) no livro *Letramento literário: teoria e prática*, estruturado em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Utilizamos também as estratégias de leitura de Isabel Solé (2009). A proposta de intervenção foi desenvolvida em 10 aulas, cada uma com duração média de 40 minutos.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A criança que aprende a gostar de ler será mais reflexiva e analítica em oposição àquela que não desenvolveu o hábito da leitura. Desenvolver a competência leitora do aluno deve ser tarefa diuturna da escola. Ler é imprimir sentido ao texto. Koch (2014, p. 11) assevera que a atividade leitora leva em conta o conhecimento prévio do leitor. É na leitura que esse conhecimento é ativado. Quanto maior for seu repositório de informações, mais facilidade terá de compreender o texto lido.

2. 1 – Lendo e aprendendo

De acordo com o dicionário *Aurélio*, ler significa “decifrar e interpretar o sentido de”. Porém, é sabido que a leitura ultrapassa esse mero conceito, ampliando-o. Leitura exige interação. Ler sem interagir torna-se apenas decodificação de sinais gráficos. Os PCN (1999) dizem ser esse um conceito embaçado e que o sistema tem produzido pseudoleitores que, embora não compreendam o texto, conseguem decodificá-lo.

Há hoje nas escolas – especialmente as públicas – uma preocupação por parte dos professores em inculcar no alunado o gosto e o prazer de ler. O objetivo é fazer com que isso se torne um hábito, tendo em vista que é incontestável a importância da leitura para a desenvoltura da fala, para o aprimoramento do vocabulário, para internalização das estruturas

gramaticais e aprendizagem satisfatória da ortografia. Portanto, sem ela a possibilidade de fracasso escolar potencializa-se.

Além de tudo isso, a leitura está intimamente ligada à escrita, pois quem lê escreve melhor, porque tem memória a longo prazo, responsável pelas informações que constituem a teoria de mundo dos leitores, conforme Smith (1989). Assim, a escrita é sempre um olhar para trás, a fim de que o porvir não seja contraditório. Quanto mais leituras anteriores forem realizadas, mais ideias fluirão. É dessa forma simples, lendo, que se aprende, automaticamente, a escrever.

No entanto, não é tarefa fácil ensinar o aluno a ler ou torná-lo um leitor competente, porque, antes de mais nada, o próprio professor precisa ser “o” leitor competente. Nós não damos aquilo que não temos. Muitas vezes, as tentativas da escola de levar o aluno a ler e escrever adequadamente são propostas, somente, pelo livro didático. Cabe ao professor – que conhece bem seu público-alvo – preencher as lacunas do livro.

Essa atitude implica estudo, disponibilidade, além do tempo normal da aula. Quando essa realidade não é observada, a improvisação toma conta do espaço que deveria ser preenchido com as variáveis planejadas, e, desta forma, os resultados passam a ser insatisfatórios. Lajolo (2001) assim se manifesta sobre o assunto:

O que há, então, para o professor, é um script de autoria alheia, para cuja composição ele não foi chamado: leitura jogralizada testes de múltipla escolha, perguntas abertas, reescrituras de textos [...] ao longo do território nacional, mestres, menos ou mais treinados, estrelam para plateias às vezes desatentas [...] (LAJOLO, 2001, p.15)

Embora haja vários estudos linguísticos em andamento e espoquem pesquisas com temas relacionados à língua e linguagem, percebe-se ainda uma defasagem em sala de aula no que se refere às aulas de Língua Materna. Essa lacuna parece estar longe de ser preenchida, pois não há uma fórmula pronta.

Existem correntes e teorias, desde as mais radicais, que propõem o fim do ensino de gramática. Há outras mais brandas que sinalizam para uma dosagem. O professor, na condição de pesquisador e de alguém preocupado com o empenho e desempenho discente, opta pelo que melhor se adequa ao perfil de seus alunos.

Trabalhar com gêneros textuais é uma boa proposta. Os PCN (1999) advertem que o uso de gêneros textuais tem papel decisivo na formação de leitores. De acordo com os PCN, o uso da linguagem está diretamente vinculado ao período histórico, ou seja, às necessidades de

uma determinada época. Trabalhando os gêneros textuais na escola, mostra-se como os textos que circulam na mídia são formadores de opinião.

A finalidade do ensino da Língua Materna, portanto, é formar alunos capazes de fazer uso das diferentes linguagens: verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal. Os PCN arrematam afirmando que “as pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura” (BRASIL, 1999).

O conhecimento empodera o indivíduo. E a filosofia define três formas de conhecimento: pelos sentidos, pelo raciocínio e pela crença. Na condição de animal racional, o homem tem a capacidade de pensar, cruzar e armazenar informações e transformá-las. A curiosidade é algo que acompanha o ser humano desde o momento em que ele começa a querer entender as coisas que o rodeiam.

A criança muito pequena começa a fazer perguntas aos pais – muitas vezes embaraçosas – porque ela quer saber como certas coisas funcionam. Um adulto que está numa roda de amigos ou de pessoas que acabou de conhecer e que, naquele ambiente, ele desconhece ou sabe muito pouco sobre o assunto ali discutido, sentir-se-á inseguro ou até, quem sabe, envergonhado, por não poder opinar.

Todas essas situações levam-nos a uma só palavra: conhecimento. A curiosidade, a insegurança, a atualização profissional, tudo isso tem que nos levar ao conhecimento progressivo. É através da leitura que o ser humano adquirirá o conhecimento intelectual e, a partir daí, irá também satisfazer sua curiosidade, tornar-se mais seguro, pois terá desenvoltura no falar e estará apto a discorrer sobre uma gama de assuntos e certamente obterá maior competência profissional.

Um estudante que não lê assemelha-se a um desportista que não treina. Segundo Freire (1996), a curiosidade ingênua está para o senso comum, assim como a curiosidade crítica se aproxima da epistemologia. A leitura promove essa superação. O indivíduo sai da curiosidade pura e simples e mergulha na criticidade científica. É dessa forma que seu ambiente se transforma.

Já existem estudos que revelam a importância da curiosidade intelectual. Pessoas de idade avançada que têm gosto e prazer em ler correm menos riscos de contrair doenças tais como mal de Alzheimer. O constante exercício do cérebro torna-o mais resistente. A produção do conhecimento está intimamente ligada à leitura. Tanzi (2013) indica três posturas que seriam preventivas à doença: exercícios regulares, dieta e a formação de novas sinapses cerebrais através da estimulação intelectual. O constante exercício do cérebro torna este mais

resistente. A produção do conhecimento está intimamente ligada à leitura; portanto, ler é exercitar o cérebro. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999):

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende ponto de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. (BRASIL, 1999, p.23)

A produção do conhecimento leva o homem ao que há de mais importante em todo esse processo: a transformação da realidade que o cerca. Ao longo do tempo, o ser humano provido de conhecimento intelectual tem alterado e modificado sua realidade e de outras pessoas também. E onde está o conhecimento? Embora existam hoje muitas fontes de conhecimento, a mais acessível ainda é o livro. Se na Idade Média os livros eram copiados, no século XXI eles são produzidos em série, catalogados por assunto. Não há proibições nem restrições. Há livros para gostos e idades variadas. As pessoas, contudo, recalcitram quando a questão é leitura.

Existem muitos motivos comprobatórios de que ler é fundamental para a vida de um estudante. Leitura frequente amplia o conhecimento, aumentando, dessa forma, a capacidade de compreensão. A memória também é beneficiada, ampliando a capacidade de aprendizagem. Cosson (2014) nos diz que a aprendizagem da leitura, para adultos, vai além do entusiasmo em poder pegar o ônibus sem pedir auxílio a outra pessoa, em escrever uma carta a um parente distante. Essas são ações simples que podem ser supridas de outra maneira e que não são tão relevantes em suas vidas. Esse autor completa:

O que o domínio da escrita lhe permite é uma nova forma de interação com um mundo do qual faz parte, mas do qual não tinha meios para participar plenamente. Saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive. (COSSON, 2014, p. 33)

Diante de tantos benefícios proporcionados pelo ato de ler, podemos citar ainda que lendo, tendemos a manejar de forma melhorada a fala e a escrita, porque o léxico se amplia. Apesar de tudo isso, a quantidade de leitores no Brasil ainda é pequena. Lemos em média 2 a 4 livros por ano, e esse número tende a diminuir. Segundo Cosson (2014), as pessoas têm alegado falta de tempo para a leitura, quando, na verdade, estão utilizando um eufemismo

para o real motivo: desinteresse. A leitura, para além de todas as vantagens que traz em seu bojo, deveria ser uma atividade frutiva, ligada diretamente ao lazer das pessoas. “A leitura não é uma forma comum de lazer. Ao contrário, ela está bem abaixo da televisão, campeã absoluta da preferência nacional, com 85% da população, seguida pela escuta de música ou rádio, com 52%” (COSSON, p.12). Menos de 30% da população lê por fruição, e boa parte dessas pessoas não fidelizaram ainda a leitura em seu dia a dia.

2.1.1 Do artesanal ao e-book

Na Idade Média, os monges copistas tinham uma tarefa árdua a desempenhar: reproduzir obras valorosas, não permitindo que essas preciosidades desaparecessem. Na Europa do século XV, Gutenberg, com seus tipos móveis e sua prensa, revolucionou a comunicação, criando a imprensa.

Gomes (2007) nos diz que, no Brasil, só em 1808 com a vinda da família real, é que a imprensa chegou ao país. Anteriormente, fábricas artesanais dedicadas às letras impressas eram proibidas na colônia brasileira. Isso acabou criando um grande atraso cultural. No final do século XIX, mais de 70% da população era constituída de analfabetos. Eram poucos os leitores, a produção nacional era pequena e os livros, além de caros, eram importados. Os autores chegavam a oferecer seus livros de porta em porta, tais como os vendedores de enciclopédia da década de 1980. Nesse cenário de obscuridade intelectual, não seria possível ainda a disseminação da leitura.

Na sociedade atual – dinâmica e tecnológica – , a leitura e a escrita têm perseguido o dinamismo secular. Para constatar esse fenômeno, basta observar as mensagens trocadas pelos internautas nas redes sociais. Com o advento das redes, escrever tornou-se mais corriqueiro, porém, não mais cuidadoso. A rapidez tecnológica e a quantidade de notícias circulando na web exigem raciocínio acelerado e respostas curtas. “A superficialidade se estabelece como corolário: curtir/comentar nas redes sociais, sem refletir sobre o que se lê” (ROJO & BARBOSA, 2015, p.121). Quando os alunos são solicitados a escrever um texto mais substancial, eles expressam a preocupação com o número de linhas. Esta deficiência seria sanada pela leitura. A leitura eficiente produz alunos escritores de opinião fundamentada.

Ingenuamente falando, dizemos que as palavras só servem para transmitir uma mensagem. A linguagem, porém, é dialógica (interacional). Nessa perspectiva, segundo Koch (2015), é na interação texto-sujeitos que o sentido será construído. Através de um

engendramento de palavras usamos a linguagem para dizer o que queremos e o que não queremos. Se a linguagem for só reprodução, ela passa a ser escamoteamento e negação da linguística. Segundo Marcuschi (2008), “o texto é uma reconstrução do mundo”. O objetivo maior da escola é formar leitores competentes. Assim se pronunciam os PCN sobre o assunto:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga validar e justificar sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1999, p.54)

O leitor competente é crítico e faz inferências no texto que passam despercebidas ao leitor incauto. O desenvolvimento das diversas competências comunicativas no ensino da Língua Materna vai formatando o leitor, já que todas as competências perpassam pela leitura. O aluno que lê torna-se capaz e competente, levando-se em conta que o leitor é o elemento decisivo na decodificação de um texto, pois boa parte do significado já compõe os saberes do leitor.

Atualmente, exames e concursos que antes privilegiavam o conhecimento gramatical dos candidatos detêm-se, sobretudo, em questões semânticas e interpretativas de textos. Isso tem feito com que haja uma preocupação da escola em orientar os educandos, mostrando-lhes a necessidade e importância da leitura.

Algumas academias têm aderido ao método PBL (Aprendizagem Baseada em Problemas), no qual o futuro profissional desde cedo se vê às voltas com questões a serem solucionadas e precisará, ele próprio, buscar a resolução adequada para as demandas apresentadas. Aqueles que, ao longo da vida, foram leitores competentes certamente se desembaraçarão do emaranhado proposto com mais rapidez e agilidade, porque o pensamento é feito de palavras, e onde as palavras estão armazenadas em maior número? Nos livros. O leitor competente consegue transformar informação em conhecimento, e isso o faz desenvolver-se intelectualmente. De acordo com os PCN:

O desenvolvimento de habilidades e o estímulo ao surgimento de novas aptidões tornam-se processos essenciais na medida em que criam as condições necessárias para o enfrentamento das novas situações que se colocam. Privilegiar a aplicação da teoria na prática e enriquecer a vivência da ciência na tecnologia e destas no social passa a ter uma significação especial no desenvolvimento da sociedade contemporânea. (BRASIL, 1999, p.29)

2.1.2 O prazer da leitura e a leitura por prazer

O ser humano, por sua própria natureza, tende a rejeitar tudo que lhe é imposto. Na escola não é diferente. As chamadas leituras obrigatórias que são empurradas aos alunos “goela abaixo” transformam o ato de ler em algo desinteressante e enfadonho. Ler deveria ser sempre um prazer. Schopenhauer (2007) nos diz que:

[...] um homem intelectual em completa solidão tem excelente entretenimento com seus próprios pensamentos e fantasias, enquanto nenhuma quantidade de distração ou prazer social, teatro, excursões e diversões podem repelir o tédio de uma pessoa simplória (...). Diria mais: para aquele que tem um constante deleite em uma individualidade especial, com alto grau de intelecto, muitos dos prazeres desfrutados pela humanidade são simplesmente supérfluos. (SCHOPENHAUER, 2007, p. 21)

O que diferencia uma pessoa intelectual de uma pessoa simplória é justamente a quantidade de conhecimentos de que uma dispõe e a outra não. E não há quem conteste que o conhecimento formal pode ser encontrado essencialmente nos livros.

Pesquisas comprovam que crianças muito pequenas que tiveram contato com palavras impressas através de livros e revistas, no momento em que são alfabetizadas têm mais facilidade na aprendizagem do que aquelas que não tiveram acesso aos livros.

Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são organizados, na escrita, estes dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos. (BRASIL, 1999, p. 34)

Culturalmente falando não somos afeiços a oferecer livros e revistas para crianças manusearem. Ao contrário, uma estante com livros é local proibido para menores. Talvez nisto consista um grande erro. Se os hábitos são forjados na mais tenra infância, por que esperar a fase acabar para oferecer aos pequenos aquilo que será o grande diferencial em suas vidas? Medo do dano. Crianças rasgam e riscam livros. Dano maior será privá-los de manusear algo que deveria acompanhá-los ao longo da vida, proporcionando-lhes fruição e conhecimento.

Alunos que não foram bem alfabetizados ou que tiveram dificuldades nessa etapa da vida seguiram a carreira escolar de forma sofrível, pois as principais competências dentro da

escola são o ensino da leitura e da escrita. A produção do conhecimento só é possível através desses dois mecanismos que levam o indivíduo ao exercício da cidadania tão propalada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A tecnologia vem transformando o mundo e a relação que estabelecemos com ele. Na sociedade multimídia em que vivemos somos impelidos a buscar o conhecimento constantemente sob pena de ficarmos para trás. Infelizmente, o ambiente escolar não tem proporcionado aos educandos esse dinamismo. Local privilegiado de produção de conhecimento, a escola, muitas vezes, tem podado a capacidade produtiva dos alunos, fazendo com que crianças e adolescentes gostem de ir à escola e não de estar na escola.

A escola ainda não está adaptada às novas tecnologias. Algumas até dispõem de laboratórios de informática, mas estes não são utilizados porque não há alguém capacitado para orientar os alunos, ou porque o número de alunos ultrapassa – e muito – o número de equipamentos.

Laboratório de ciências é outra deficiência das escolas. Nosso ensino privilegia a teoria e despreza a praticidade do conhecimento. Isso faz com que os alunos – na maioria das vezes – julgue as aulas enfadonhas. A solução talvez seja o uso de linguagens diferenciadas na práxis educacional. Isso requer do educador conhecimento, criatividade e tempo.

A utilização, nas aulas de Língua Materna, dos gêneros textuais preencheria essa lacuna. Leitura de imagens, de charges, de propagandas, produção de vídeos, trabalhos fotográficos. Todas essas atividades perpassam pela leitura. Quem lê dilata o cérebro para toda e qualquer atividade proposta. Esse é também um exercício de cidadania. O conhecimento das várias linguagens amplia os saberes. Conforme os PCN de Língua Portuguesa: “Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente”. (BRASIL, 1999 p. 54).

A contemporaneidade cobra cada vez mais dos indivíduos. Quanto mais tecnológicos eles forem, maior a responsabilidade em mantermos um raciocínio voltado para essa tecnologia. O computador e as novas tecnologias não abolem os livros; convergem para eles. Leitura, portanto, é a chave do conhecimento. Saliente-se que aqueles que usam a tecnologia a seu favor assim o fazem por terem descoberto antes a chave do conhecimento.

2.2 Leitura e cidadania

O Brasil tem um déficit de leitura que pode ser creditado ao atraso cultural em que vivemos. Só em 1808 a imprensa chegou a este país. Até então, a manufatura livreira era pequena e censurada. Em virtude disso, demoramos muito para formar uma nação de leitores. Em meados do século XX, com o surgimento da televisão, a leitura foi ficando cada vez mais rarefeita. Com um lugar de destaque nos lares brasileiros, a TV traz uma linguagem que obriga os telespectadores a não pensarem ou a pensarem muito pouco e rápido. Como a imagem é mais atraente que a palavra, na televisão, a tendência é que fiquemos presos à imagem e desprezemos a palavra. Prova disso é quando estamos diante da televisão, assistindo a um telejornal e alguém nos pergunta detalhes e não sabemos responder; isto porque “uma imagem vale mais que mil palavras”. Por esta razão os livros infantis são cheios de imagens e, por isso, também a contação de histórias é cheia de palavras que se transformam em imagens.

Ao contrário do rádio, que pode ser ouvido simultaneamente à execução das tarefas – sejam elas domésticas ou não –, a televisão exige exclusividade. A leitura de um livro também. Mas qual seria a diferença entre ler um livro e assistir a um programa de televisão? São, na verdade, duas programações cerebrais diferenciadas.

O livro requer atenção redobrada. O cérebro trabalha mais e com um critério mais apurado. Por conta disso, nossas crianças, adolescentes – e por que não dizer os adultos – passam tantas horas do dia na frente do aparelho de televisão e, no entanto, passam anos a fio sem ler um único livro. Freire (1996) diz que ensinar exige criticidade. Aprender também. Criticidade pressupõe analogia, e a comparação perpassa pelas múltiplas leituras.

Como o aluno poderá formar sua própria opinião sem analisar outras? É a leitura quem lapida o pensamento. É dessa criticidade que nasce o exercício da cidadania. O leitor crítico tem consciência de seus direitos e deveres e uma compreensão ampliada do mundo. Freire (1996) arremata que a educação crítica é uma forma de intervenção no mundo.

Num país onde a cultura livresca ainda não faz parte do dia a dia da população, a escola tem papel fundamental na vida do educando. O fracasso do aluno na área da linguagem o fará fracassar nas outras disciplinas. O trabalho com leitura abre, para o indivíduo, um leque de possibilidades e o torna propenso a compreender e transformar o mundo.

A leitura é fundamental para o exercício da cidadania, pois é através dela que temos acesso às leis e aos bens culturais, além de propiciar-nos clareza de raciocínio e destreza em manifestarmos nosso pensamento, seja pela palavra escrita ou falada. A chamada “classe dominante” exerce seu poder, principalmente, através de conteúdos culturais. Lendo, a classe

dominada terá mais chance de contestar e de reivindicar seus direitos, exercendo, assim, seu poder de cidadania.

2.3 Por que contar histórias?

É fato que todos falam, porém poucos escrevem. Todos os povos dos quais temos conhecimento falavam, mas poucos escreviam. Existem em torno de cinco mil línguas faladas no mundo, mas boa parte delas não tem um sistema de escrita, as chamadas ágrafas (MARCUSCHI, 2001, p. 21).

Caso tivéssemos a curiosidade de fazermos um inventário de todas as atividades executadas no nosso dia a dia, perceberíamos que quase a totalidade do tempo em que estamos ativos falamos muito e escrevemos pouco ou quase nada. Ainda que estejamos mergulhados em uma sociedade que se diz alfabetizada ou letrada, continuamos falando bastante, porém dando muito mais importância para a escrita.

Em sociedade, é considerada educada aquela pessoa que estudou, que tem um título em mãos. E não basta falar bem; há a necessidade de se escrever na mesma proporção. Dominar a escrita é algo imprescindível para avançar socialmente. A escrita, em nossa sociedade, tem um grande valor e sobrepuja a oralidade. Segundo Marcuschi (2001), isso pode ser um equívoco, porque tanto a oralidade quanto a escrita são fundamentais. São duas maneiras de as pessoas organizarem seus discursos e praticarem suas interações cotidianas. Cada uma tem o seu lugar e são práticas discursivas que não concorrem; são complementares e utilizadas harmonicamente.

Outro aspecto a ser observado é que toda criança ao chegar, por exemplo, à escola já domina a fala. Em relação à fala, a escrita é bastante recente, embora seja mais prestigiada por estar ligada às camadas sociais mais elevadas e ao *status quo*.

Quando se fala, muitas marcas da individualidade do falante atravessam seu discurso. Na linguagem escrita isso acontece parcialmente. A fala caracteriza envolvimento e proximidade, e a escrita, afastamento. As duas, no entanto, são contextualizadas. Uma série de contextos são necessários para entendermos um texto escrito e outros para entender o que as pessoas estão falando. A oralidade, por sua vez, apossa-se de um conjunto de elementos representativos que não perpassam pela escrita, tais como: tom de voz, pausa, gestos, os marcadores da oralidade, a expressão fisionômica, etc. Prosódia não passa pela escrita. Quando lemos um livro, acessamos a imaginação para criar as cenas e ouvir mentalmente os

diálogos entre os personagens. Contudo, ao ouvirmos a estória sendo contada, temos ali alguém que nos passa a entonação impressa pelo autor. O leitor inexperiente, por exemplo, não saberia encaminhar bem esse processo. As pausas e entonações relativas à pontuação são necessárias ao bom entendimento do texto, como podemos comprovar no excerto a seguir, retirado do livro que é objeto de nossa contação de histórias:

Entrei nesse hotel suíço, ao qual nunca mais voltei, e enquanto me serviam um magro jantar, que era o meu almoço, tomei informações:
– Têm subido estes dias muitas famílias? Perguntei ao criado.
– Não, senhor.
– Mas há coisa de oito dias não vieram da cidade duas senhoras?
– Não estou certo.
– Pois indague, que preciso saber e já; isto... o ajudará a obter informações. A fisionomia sisuda do criado expandiu-se ao tinir da moeda, e a língua adquiriu a sua elasticidade natural.
– Talvez o senhor queira falar de uma senhora já idosa que veio acompanhada de sua filha?
– É isso mesmo.
– A moça parece-me doente, nunca a vejo sair.
– Onde está morando?
– Aqui perto, na rua de...
– Não conheço as ruas de Petrópolis, o melhor é acompanhar e vir mostrar-me a casa.
– Sim, senhor.
O criado seguiu-me, e tomamos por uma das ruas agrestes da cidade alemã. A noite estava escura.
Era uma dessas noites de Petrópolis, envoltas em nevoeiro e cerração. Caminhávamos mais pelo tato do que pela vista, dificilmente distinguíamos os objetos a uma pequena distância, e muitas, quando o meu guia se apressava, o seu vulto perdia-se nas trevas (ALENCAR, 2009, p. 19-20).

Ler e escutar esse trecho do livro *Cinco Minutos*, de José de Alencar, requer obediência à prosódia contextual a fim de se obter melhores resultados. A audição se mostraria mais profícua, pois acentuaria os traços prosódicos tão necessários à fala.

Portanto, não só a fala, mas também a escrita são representações da língua; são duas práticas discursivas, e o aluno deve ser preparado pela escola para entendê-las e utilizá-las em momentos e contextos variados e adequados. Escutar e ler não são as mesmas atividades. Por melhor que esteja transcrita a fala da personagem, há uma perda para o leitor incipiente. A contação de histórias traz para o texto as marcas da oralidade, atraindo, seduzindo e prendendo a atenção do ouvinte, fazendo-o concentrar-se no que é dito. E a concentração é condição para escutar a palavra falada.

O verbo latino *audire*, que dá origem ao verbo ouvir, significa captar sons e ruídos do ambiente, e o verbo latino *auscultare* significa ouvir atentamente sons, ruídos e vozes do semelhante com interesse. Uma das grandes demandas em sala de aula é a ausência da escuta. Por que nossos alunos ouvem o professor, mas não o escutam?

Vivemos em plena sociedade de consumo, mas, principalmente, na sociedade da informação, porém não necessariamente do conhecimento. Nossos alunos têm acesso a muitas informações, mas para que estas se transformem em conhecimento, é necessário escutar. É primordial que se saiba ler, selecionar e estudar. Há de ser estudante e não somente aluno, porque o estudo é solitário, e a audição em sala de aula é coletiva. Nessa sociedade, a educação tem passado por um momento desafiador. Com o surgimento das mídias sociais, o aluno escreve mais e produz menos.

À medida que a tecnologia avança, telefones celulares cada vez mais potentes são lançados no mercado. Os jovens e adolescentes são os maiores consumidores dessa tecnologia e cada vez menos se consomem livros por essa parcela da sociedade. Ainda que prevaleça o argumento de que o livro é caro, um celular custa muito e não se medem sacrifícios para adquiri-los. Na verdade, a cultura livresca não foi alimentada no seio familiar. A escola impõe a leitura, a família, por sua vez, não propõe. Uma das características da sociedade de consumo é o egocentrismo. Rojo e Barbosa (2015) assim se manifestam sobre esse assunto:

É a era do hedonismo individual, do hipernarcisismo. O culto e a contínua busca pelo prazer (imediatos), a extrema fluidez dos pertencimentos atuais, a ausência de projetos coletivos em função das dúvidas em relação ao futuro redirecionam o projeto de autonomia da modernidade, que passa a primar pela autocentração e pela não responsabilização pelo outro. (ROJO & BARBOSA, 2015, p. 119)

É nesse clima de individualismo que as pessoas não conseguem mais escutar umas às outras. Gera-se um descaso pelo outro, pelo semelhante. Essa realidade tem sido vivida nas escolas. Os alunos não prestam atenção à aula, conversam, distraem-se; e a aprendizagem requer atenção, concentração, percepção, memória, elaboração e capacidade de responder e de se comunicar. A ausência de dúvidas sobre a matéria dada muitas vezes está relacionada à não percepção do assunto. Por não estudar em casa o assunto que foi ministrado na aula, o aluno vai acumulando matéria e deixando para estudar às vésperas da prova, adquirindo, assim, conhecimento somente para aquele momento específico, pontual.

Necessário se faz que haja mais atenção e concentração em nossas salas de aula. Essa é uma realidade vivida por muitos professores, que, muitas vezes, não sabem o que fazer para atrair a atenção do aluno. Não se trata aqui de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), embora haja muitas crianças com esse diagnóstico. No entanto, são cada vez mais frequentes reclamações acerca de alunos que usam celulares em sala de aula e permanecem a aula inteira com fones nos ouvidos, abstraindo-se do que realmente interessaria naquele momento: a aula. Esse comportamento discente aponta para a rejeição do paradigma escolar, que já não satisfaz à geração Z – os nativos digitais. Cabe ao professor buscar as ferramentas que melhor se adequem às suas aulas, a fim de melhorar sua prática e o desempenho dos alunos. Ainda que vivamos em um mundo tecnológico, aprendizagem implica leitura, e esta, por sua vez, demanda concentração.

É nesse contexto que a contação de histórias contribui para a atenção, concentração e memória do educando. Segundo Bajar (2014), o reconto “é uma prática cultural tão antiga, que alguns paleoantropólogos a consideram como um dos critérios que permitem caracterizar o *homo sapiens*, já que o reino animal, por não distinguir o passado do presente, não conhece narrativas”. O poder da história está em falar menos e contar mais. A arte de contar histórias agrega; a história exemplifica conceitos e ensina o aluno a escutar. Diferente do bombardeio intelectual, a história está ligada à emoção, sendo memorizada com mais facilidade. As narrativas marcam o ser humano.

Embora as novas mídias potencializem a prática de contar histórias – com seus blogs, vlogs, flogs, perfis em redes sociais, aplicativos de mensagens –, não substituem a presença real de alguém que conta e outros que ouvem uma história. O reconto é uma tecnologia que não envelhece, por mais inteligente que seja o mundo. Num universo de pessoas conectadas que passam mais tempo na virtualidade, contar histórias é um ato genuinamente humano e real. A base da contação de histórias é despertar o desejo e a curiosidade. Torna-se também a ponte para a leitura. O contador de histórias personifica o livro, pois ele se torna o próprio livro. A esse respeito, Bajard (2014) nos diz que há uma riqueza não só cultural como linguística na contação de histórias, porque o discurso do reconto assume uma complexidade e uma extensão que extrapolam a fala do dia a dia.

Nas palavras de Avelar e Sorsy (2007), vivemos imersos numa cultura escrita em que a informação é veloz, a ponto de haver dificuldade em catalogá-la, em oposição à cultura oral em que a repetição não é mal vista; ao contrário, é o fio condutor da memória. Narrativa oral não está restrita à fala, mas é o amálgama de gestos, ritmo, cadência, entonação, expressão

facial e até mesmo silêncio. Através das narrativas, transmitem-se experiências humanas. Por não entenderem os fenômenos naturais, os antigos criavam lendas, contavam histórias. Todas as culturas possuem suas narrativas orais, passadas de pai para filho. Segundo Bajard (2014), “a ficção é importante na construção da personalidade do ser humano, pois as histórias são uma maneira de o homem descobrir o mundo”.

Se, no passado, a contação de histórias fazia parte do universo de pessoas não letradas, de sociedades desvinculadas da escrita, conhecidas por sua oralidade, hoje o contador urbano recompõe sua narrativa a partir da escrita. Ainda conforme esse autor, recontar textos e ouvir histórias são práticas que afetam benéficamente o letramento de quem escuta.

2.4 Professor leitor e formador de leitores

A literatura nos permite novas leituras de mundo e novas leituras de nós mesmos. Apesar de haver, no Brasil, um certo incentivo à leitura, ainda temos um índice muito baixo de leitores. O brasileiro lê pouco, dizem as pesquisas. Segundo os resultados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2012, os brasileiros leem em média quatro livros por ano, conforme Cosson (2014, p.11). Os programas de incentivo à leitura ou não alcançam a todos ou podem ser ineficazes. Ainda que as bibliotecas escolares estejam abarrotadas de livros, elas não são impactantes na vida do aluno. No Brasil, não atingimos ainda níveis satisfatórios para afirmar que temos um público comprometido com a leitura. Isso é o que apontam as pesquisas realizadas nos últimos anos. Exames internacionais, como o PISA, só confirmam esses dados. Em todas as edições do concurso, o Brasil atingiu sempre aparece nas últimas colocações em leitura.

Só se aprende a falar, falando... Só se aprende a ler, lendo. Existem muitos motivos que comprovam que ler é fundamental para a vida de uma pessoa. Ler com frequência faz com que ampliemos o conhecimento sobre diversos tipos de conteúdo, como notícias, acontecimentos históricos ou ciências. Ler amplia igualmente a capacidade de compreensão. Nesse sentido, Koch (2015) salienta que os nossos conhecimentos prévios – todo o cabedal que armazenamos ao longo da vida – são acionados no momento da leitura. A memória é beneficiada, pois há o exercício de memorização aliado ao processo da leitura, aumentando a capacidade de aprender. Diante de tantos benefícios, podemos frisar ainda que lendo, tendemos a manejar de forma melhorada a fala e a escrita, porque ampliamos o léxico. E, por

fim, a leitura é uma forma de lazer: leitura por fruição. O professor precisa ser também um leitor, já que é um formador de leitores. Professores, pais e familiares são responsáveis por essa mediação. Inicialmente, a criança estabelece um valor afetivo com o livro quando ainda não é alfabetizada. Nas palavras de Bajard (2014):

Em vez de aguardar a conclusão do processo de alfabetização para só então entrar em contato com livros, a criança de hoje inaugura esse encontro nos primeiros anos de vida ou até mesmo nos primeiros meses. De fato, não existe mais idade mínima para a criança ser presenteada com obras de literatura infantojuvenil, folheá-las no sofá e escutar “histórias do livro” na cama antes de dormir. (BAJARD, 2014, p.15)

À medida que a criança cresce, tal relação vai sendo perdida. Cabe então à escola e à família resgatarem e favorecerem esse contato. É importante que crianças sejam levadas a bibliotecas, livrarias, espaços onde possam experimentar a leitura e a contação de histórias.

Historicamente, o brasileiro nunca valorizou a leitura em seu meio social. A utilidade que ela tem, quanto ao gosto e ao prazer pela leitura literária em casa, nunca foi um costume; e as escolas tradicionalmente tratavam a leitura de uma maneira mecânica, desinteressante. Marisa Lajolo (1996) afirma que já no século XIX a República não tinha leitores nem livros. De acordo com essa autora:

É pouco para um país em que o desenvolvimento da instrução pública é uma necessidade vital. A nossa literatura escolar está muito atrasada, não só por que não temos bons compêndios, como carecemos de livros para leitura das crianças e dos rapazes. Não sei se o nosso desamor à leitura não provém de que não nos habituamos a ler desde a infância e não nos habituamos porque não há em nossa língua livros próprios para essa idade. (LAJOLO apud Veríssimo, 1996 p.155)

A criança e o adolescente, que têm o hábito da leitura, ampliam sua visão de mundo, alargam o conhecimento, tornam-se mais criativos, desenvolvem a linguagem verbal, internalizam estruturas linguísticas complexas, aprendem ortografia. Tudo isso culmina com a disposição mental para escrever mais e melhor. Para Solé (2009), é imprescindível que a escola se esforce para ensinar o aluno a ler, pois sem isso não há autonomia e geram-se desvantagens sociais profundas a esses alunos. Essa autora também arremata:

Considero que o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e,

naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. (SOLE, 2009, p.33)

Além de ser uma opção de lazer, a leitura faz o aluno interagir com vários gêneros textuais e privilegia a prática da escrita. A leitura dá ao aluno o suporte necessário para produzir seu próprio texto.

A palavra texto vem de tecido, tessitura, algo coeso; e a leitura tece várias histórias. Coesão e coerência fazem parte do texto. Enquanto a coesão lhe confere legibilidade, a coerência lhe confere sentido. Para Koch (2014, p. 186), “as marcas de coesão encontram-se no texto (tecem o tecido do texto), enquanto a coerência constrói-se a partir dele”.

Podemos dizer que são os conhecimentos prévios do leitor que darão coesão e coerência ao texto lido. De acordo com Koch (2015), há aspectos materiais e fatores linguísticos que podem comprometer e dificultar a compreensão de um texto, e por esta razão há necessidade da aplicação das estratégias de leitura. Ao antecipar elementos referentes ao texto, o professor leva o aluno a refletir sobre esses mesmos elementos.

O professor, na condição de facilitador, vai ampliando o conhecimento dos alunos e dando-lhes subsídios, com o fito de que possam enriquecer seu vocabulário, alargando o léxico e criando um repertório que os ajudará na leitura e interpretação de outros textos. A cada leitura, a tessitura vai se dilatando e construindo caminhos. A leitura literária aciona a imaginação, afetividade e raciocínio. Leitura literária ensina a pensar. A letra instrui, a literatura amplia o horizonte e leva o leitor a ter experiências incomuns. Os clássicos da literatura, por exemplo, trazem personagens e com eles a chave-mestra que abre para o leitor a compreensão e explicação de tipos humanos das formas mais variadas.

2.5 Literatura na escola – formação de leitores

Por que ler os clássicos na escola? Os clássicos são livros que exercem uma influência particular, quando se impõem e ultrapassam a barreira do tempo. Clássicos são atemporais, e uma vez lidos, incorporam-se à vida do leitor. Segundo Ítalo Calvino (2007), os clássicos são aqueles livros sobre os quais as pessoas dizem que estão relendo e não gostam de admitir que nunca leram. Por ser um cânone e patrimônio cultural da humanidade, as pessoas não se permitem admitir a ignorância sobre o assunto, levando-se em conta também que clássicos,

embora não sejam lidos por todos, são conhecidos por muitos. São conhecidos porque, em algum momento, muitos já tiveram contato com o título e o nome do autor.

Muitas vezes, os clássicos são apresentados na escola em um momento que não seria o mais adequado. Essa inadequação não está relacionada à série, somente, mas também à ausência de mediação por parte do professor. O texto deve ser analisado. Propor ao aluno a leitura de um clássico sem ajudá-lo nesse exame minucioso pode criar barreiras para esse tipo de literatura, criando uma frustração em relação à leitura. Para Calvino (2007), os livros clássicos enriquecem a vida de quem os lê, porém, riqueza maior terá quem tiver acesso a eles em condição de entendê-los no momento de maturidade leitora. É a literatura de boa qualidade, que atravessa os séculos e dialoga através do tempo. Assim é o livro *Cinco Minutos*, de José de Alencar. E por tudo isso, possui um carimbo de qualidade.

Embora, estejam circunscritos em uma determinada época, os clássicos são atemporais, visto ser a condição humana sempre atual. Aquilo que está no nosso entorno muda, mas a essência do homem não. Mudanças são externas, na maioria das vezes. Internamente, o ser humano permanece o mesmo, com suas dúvidas, seus questionamentos e todos os sentimentos que o acompanham ao longo da vida. E porque falam de vida, os clássicos não morrem. Há, por vezes, uma certa resistência em lê-los. Buscam-se resumos.

O problema do resumo é que há muito a ser acrescentado para além da história. A história integral nos leva à forma, como os personagens foram construídos, nuances de sentimentos e acontecimentos, descrição do tempo e do ambiente. Calvino (2007) diz que a leitura integral nos reserva surpresas e por isso não devemos buscar resumos. Os temas na literatura são recorrentes.

Para Cosson (2014, p. 63), a experiência estética nos leva a ler um clássico, ainda que conheçamos particularidades ou até mesmo o final da história. É a apreciação da obra em todos os seus sentidos o que importa. Então, o que atrai não é *o que se conta*, mas *como se conta*. Os detalhes, as escolhas lexicais fazem a diferença. Contar a história de um clássico da literatura brasileira para estudantes do 6º ano do ensino fundamental é levá-los a viajarem no tempo – sair do século XXI e desembarcar no século XIX – através da imaginação.

É provável que a única oportunidade que muitas crianças e adolescentes têm de entrar em contato com o texto clássico é através da escola. E assim, se o professor não fizer esse papel, o contato não irá acontecer. Além disso, se o professor não o fizer de forma adequada, ele não será positivo.

A escola, para muitos jovens e crianças, é o único local onde terão acesso a livros. Muitos adentram o espaço escolar sem que o livro seja algo presente ou relevante em suas vidas. Mas como capacitar esses alunos e torná-los leitores? A escola precisa dar as ferramentas iniciais para que o aluno, ao longo de sua trajetória na educação básica, alimente seu universo interior, sua inteligência com livros. A contação de histórias é uma dessas ferramentas que tem como objetivo fazer uma ponte entre o reconto e o livro. Apresentar os clássicos a alunos do ensino fundamental é uma estratégia de fazê-los chegarem ao ensino médio com a história introjetada na mente. Apresentá-los somente no ensino médio pode gerar uma certa ojeriza pelo consumo desse tipo de literatura.

Os clássicos precisam ser conhecidos ao longo da trajetória, e isso não tem acontecido nas escolas. Não há o aprofundamento gradativo para que o aluno encare essa literatura com mais tranquilidade. Na contação de histórias, o texto clássico pode ser apresentado das séries iniciais às finais, fazendo as devidas adequações.

O grande desafio do professor é formar leitores não somente para o momento da escola, mas também, principalmente, para além dos muros desta, oportunizando possibilidades e levando o aluno a avanços intelectuais através da leitura. Calvino (2007) arremata: “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor que não ler os clássicos”. Acreditamos em uma proposta de intervenção que apresente a alunos do ensino fundamental romances clássicos através da contação de histórias.

3 – METODOLOGIA E SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

3.1 – Espaço escolar

O trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual 17 de Março, na turma do 6º ano A. A unidade escolar situa-se no bairro Santo Antônio e tem nove salas de aula, uma das quais está ociosa. Há espaços comuns, tais como auditório, refeitório e biblioteca. Esta última, embora possua um acervo diversificado, não é utilizada pelos alunos, por não haver no estabelecimento de ensino um funcionário permanente no setor. Isso inviabiliza a pesquisa e o empréstimo de livros. A área de lazer limita-se à quadra poliesportiva, e os alunos têm pouco espaço físico para interagir na hora dos intervalos e recreio. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino e tem um quadro docente de aproximadamente de 20 professores. Sua clientela advém dos bairros Japãozinho, Alto da Jaqueira, Manuel Preto e Lamarão. Os

índices de evasão escolar têm sido altos, principalmente no turno vespertino. A escola teve suas últimas notas do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) inferiores a 3,0 (três vírgula zero), e até o momento da aplicação deste projeto não mantinha nenhum tipo de programa.

3.2 – Dos contextos e dos sujeitos envolvidos na pesquisa

Há no meio docente, principalmente, nas escolas da rede pública, um desencanto, uma ausência de paixão pelo que se faz. E as razões para tal desânimo são diversas e não nos cabe elencá-las. Esse desencanto tem enfraquecido o ensino e dividido opiniões. Encontramos nas escolas colegas que se recusam a envolver-se em projetos pedagógicos, com a justificativa de que seria perda de tempo, já que os alunos “não querem nada”, não gostam de estudar. Esses docentes dizem que não veem a hora de se aposentar para nunca mais pisar em uma sala de aula.

No entanto, a convivência com professores que, apesar de todas as agruras, procuravam dar o seu melhor fez-nos ver a questão por outro ângulo e passamos a ver nossos alunos como aliados. A partir daí, começamos a pensar a prática docente, agindo empaticamente com os alunos. Investigamos; buscamos saber o que eles pensavam sobre as aulas de Língua Portuguesa. A reclamação recorrente era que eles não gostavam dos livros que eram recomendados pela escola. Chegando o período de escolha dos paradidáticos, formamos grupos em sala de aula, e a cada grupo foram entregues folhetos das várias editoras. Eles leriam a sinopse dos livros e marcariam os mais interessantes. Os títulos mais votados seriam escolhidos.

E para achegá-los cada vez mais aos livros, tínhamos a nossa contação de histórias, que normalmente era de um livro que eles achavam “difícil”, e através desse processo, fazíamos a mediação entre eles e o livro. Kleiman (2000) diz que só podemos fomentar paixão pela leitura se formos igualmente apaixonados.

O objetivo, como docente, sempre foi fazer com que a leitura fosse fruitiva na vida dos alunos, dentro e fora da sala de aula. De acordo com Solé (2009), ler por prazer é algo subjetivo, pois o leitor selecionará trechos, pulará outros; poderá, inclusive abandonar a leitura até que encontre algo de que realmente ele goste e o seduza de uma vez para o

universo da leitura. Antonio Cândido afirma que “negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade”. (CÂNDIDO, 2004, p. 186).

Foram as experiências e os questionamentos que nos levaram ao processo investigativo do impacto da contação de histórias na formação leitora dos alunos. Encontramos subsídios em autores como Isabel Solé (2009), Angela Kleiman (2000) e Marcuschi (2008), os quais discorrem com propriedade sobre o assunto e trazem luzes ao nosso conhecimento empírico.

Os alunos participantes desta pesquisa foram 20, embora a turma do 6º ano A seja constituída de 30 alunos, 10 dos quais frequentam irregularmente as aulas. A média de idade varia entre 11 e 15 anos. Um dos objetivos do nosso projeto é o aprimoramento da prática pedagógica. Para o desenvolvimento da pesquisa, o método utilizado foi a pesquisa-ação. Essa metodologia permite que o pesquisador assuma dois papéis: pesquisador e participante do grupo. Há interrelação entre criação e a habilidade de conhecer, diz Toledo (2012).

O modelo adotado foi a sequência básica proposta por Cosson (2014), dividido em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Utilizamos também as *Estratégias de leitura* de Isabel Solé (2009). A proposta de intervenção foi desenvolvida em 10 aulas, cada uma com duração média de 40 minutos.

3.3 – Etapas do relatório

As etapas aqui descritas são quatro: motivação, introdução, leitura e interpretação. Elas nortearão as atividades.

3.3.1 – 1ª etapa: Motivação

Para Cosson (2014), “práticas bem-sucedidas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir”. Nessa etapa trabalhamos a contextualização histórica e a comparação entre o antigo e o hodierno.

Para Kleiman (2000), só haverá compreensão de um texto se os conhecimentos prévios do leitor forem ativados. A interatividade da leitura consiste na junção de vários conhecimentos que o leitor vai adquirindo ao longo da vida, tais como: o linguístico, o textual e o cultural.

Na primeira aula, informamos aos alunos que iríamos contar a eles uma história que tinha acontecido há muito tempo, no século XIX, e pedimos que usassem seus conhecimentos prévios e pensassem. Se estamos no século XXI, há quanto tempo essa história aconteceu? As respostas não foram precisas, mas depois de algum tempo alguém acertou.

Dando continuidade à oralidade, convidamo-nos a pensar sobre o período de tempo em que a história se desenrola, e os educandos se referiram às telenovelas de época e descreveram a indumentária tanto de homens quanto de mulheres. Enfatizaram também os meios de transporte: carro, carroça. Cosson (2014) afirma que “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”. Os alunos pontuaram também a seriedade e o respeito que as pessoas tinham umas com as outras naquela época, a obediência aos pais e que não havia tanta violência quanto existe hoje.

Em seguida, propomos aos alunos uma atividade escrita. Eles fariam uma pequena lista de como as pessoas se divertiam no século XIX. Por não terem uma visão clara sobre a linha do tempo e alguns processos históricos, alguns alunos citaram: televisão, videogame, outros enumeraram bola de gude, futebol. Mas, em geral, eles não conseguiram dimensionar as diferenças gritantes nesse espaço de 200 anos. Segundo Cosson (2014), “a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura”.

Após todas as respostas terem sido escritas, explicamos aos alunos que naquela época as pessoas frequentavam teatros, iam a bailes, saraus, como forma de entretenimento, diversão. Havia mais interesse em estarem próximas umas das outras. Na sequência, lemos um fragmento do livro de onde foi retirada a história a ser contada para eles. Logo após, solicitamos uma pequena lista de coisas que existem hoje e não existiam naquela época. Os itens que couberam em todas as listas foram o telefone celular e o computador. Comentamos sobre isso, e os comentários giraram em torno da ausência de “coisas interessantes” para se fazer naquela época. Nas palavras de Solé (2009):

Quando os alunos formulam perguntas pertinentes sobre o texto, não só estão utilizando o seu conhecimento prévio sobre o tema, mas também – talvez sem terem essa intenção – conscientizam-se do que sabem e do que não sabem sobre esse assunto. Além do mais, assim adquirem objetivos próprios, para os quais tem sentido o ato de ler. (SOLÉ, 2009, p.110)

Terminada a discussão, solicitamos como tarefa de casa uma pesquisa com o tema:
Como seria nossa vida sem energia elétrica?

O objetivo dessa pesquisa, além de remeter a eventos do texto da contação de histórias, foi levar os alunos a uma reflexão acerca do quanto o mundo moderno depende da eletricidade; levá-los a refletir o quanto haveríamos de retroceder se os recursos energéticos se esgotassem. Queríamos também levar os alunos a pensarem em outras fontes viáveis de energia, já que no Brasil a energia é captada através da água.

3.3.2 – 2ª etapa: Introdução

Na segunda aula, iniciamos a etapa de introdução da sequência básica com uma resumida biografia do autor do romance *Cinco Minutos*, José de Alencar. Cosson (2014, p. 60) aconselha que essa apresentação não “seja longa nem uma expositiva aula sobre a vida do escritor”. Porém, fizemos questão de frisar que o autor de *Cinco Minutos* morreu acometido de uma doença chamada “tuberculose” e que tal qual a AIDS nos séculos XX e XXI, a tuberculose, no século XIX, não tinha cura. Não era nosso objetivo falar sobre a obra, já que nas aulas de contação toda a história seria revelada aos alunos.

O material selecionado é o livro *Cinco Minutos* (Ática, 1997), escrito por José de Alencar, nascido em 1º de maio de 1829, em Messejana no Ceará, e falecido em 12 de dezembro de 1877, no Rio de Janeiro, vítima de tuberculose, aos 48 anos.

O romance traz no seu enredo um recorte da vida burguesa colonial no século XIX. Logo no início da trama, o desequilíbrio se apresenta, quando o narrador-personagem, por causa de um atraso de cinco minutos, perde o bonde e o rumo, ao conhecer Carlota, adolescente de 16 anos, que se descobre doente e se esconde do homem que ama. Ao tentar encontrá-la, o narrador, por ser um homem imediatista, envolve-se em diversas situações embaraçosas, pois a sua impaciência e ansiedade o impedem de esperar, e ele se lança nas mais diferentes aventuras em busca do seu amor.

Há também um detalhe na obra que permeará toda a trajetória da narrativa e que se fará relevante nessa etapa: a ausência de energia elétrica. Esse foi o ponto de partida de algumas pesquisas realizadas pelos alunos.

A narrativa é curta e cheia de peripécias, atraindo o leitor para o enredo, envolvendo-o e convidando-o para a leitura. Este é o desafio do professor: formar leitores não somente para o momento da escola, mas, principalmente, para além dos muros da instituição. Através do processo de contação de histórias tenciona-se que se estabeleça uma ponte entre o leitor e o livro.

Logo após, recolhemos as atividades de pesquisa e constatamos que 70% dos alunos realizaram-na, enquanto 20% alegaram não ter acesso à internet. Pedimos a alguns alunos que comentassem sobre o trabalho que fizeram, e à medida que liam e revelavam o conteúdo da pesquisa, tópicos eram colocados na lousa.

- Falta de iluminação em casa e na rua;
- Sem televisão;
- Sem telefone;
- Sem computador;
- Não haveria trabalho à noite, só durante o dia.

De acordo com os PCN (1999), um dos objetivos do Ensino fundamental é “saber utilizar diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimento”. Freire (2010), em seu livro *Pedagogia da autonomia*, chama a atenção para o fato de que ensino não é reprodução, porém, precisa ser produção. A pesquisa leva o aluno a descortinar o conhecimento e adquirir autonomia para aprender. No Ensino Fundamental, o professor deve motivar o aluno a pesquisar, ainda que seja uma pesquisa incipiente, mas que o leve a aprender sozinho algo novo.

Ao citarmos a falta de iluminação nas ruas, quisemos inserir o aluno no universo de profissões que foram extintas ao longo do tempo. Para tal, citamos o capítulo XIV do livro *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry que trata de uma dessas profissões: o acendedor de lampiões (texto que seria lido na aula seguinte). Comentamos sobre a escuridão das ruas depois que os lampiões eram apagados. Explicamos sobre o toque de recolher que havia na época e lemos um pequeno trecho do livro *Cinco Minutos*: “Lancei-me fora do ônibus; caminhei à direita e à esquerda; andei como um louco até nove horas da noite. Nada!” (Alencar, 2009, p.11).

Mas por que escolher um clássico? Sempre acreditamos que apresentar os clássicos da literatura brasileira somente no Ensino Médio pode gerar no aluno rejeição a esse tipo de literatura. A apresentação dessa literatura ao aluno ao longo da trajetória escolar lhe proporcionaria a familiaridade necessária e diminuiria a aspereza relacionada a essa tarefa. Para que o aluno encare esse tipo de leitura com mais tranquilidade no ensino médio, há de aprofundá-lo gradativamente no ensino fundamental. É no processo de contação de histórias que essa gradação também pode acontecer.

Embora *Cinco Minutos* seja um romance clássico, o tema da obra é atemporal: o amor. Isso gera empatia no leitor (audiência). Por ter sido escrito originalmente no formato de

folhetim, os capítulos terminam sempre com um suspense, pairando no ar, e que será solucionado no capítulo posterior, gerando assim uma expectativa no leitor, ávido por ver a resolução dos imbróglios nos quais se envolve o personagem.

Essa expectativa criada era a estratégia utilizada pelo autor para prender o leitor e fazer com que este ansiasse pela chegada de mais um capítulo do romance que se apresentava no formato de folhetim e chegava às bancas juntamente com o jornal. Nesse período da história do Brasil, iniciou-se o processo de formação do leitor. Marisa Lajolo (1996) explica:

Tais e tais estratégias, se não garantem ao narrador a fidelidade do leitor a um texto que se prolonga, sem dúvida, estreitam a cumplicidade entre ambos: o leitor é uma figura para quem se conta um segredo: os acontecimentos da trama. Aparentemente a técnica aplicada ao folhetim deu certo; tanto é assim que é mantida no desenrolar do romance, reaparecendo mais adiante na obra de Machado de Assis. (LAJOLO, 1996, p.15)

Literatura por fruição é entretenimento. Sendo assim, quanto mais o leitor for provocado, quanto mais envolta em mistério a narrativa estiver, será um convite para que os véus sejam retirados e a expectativa chegue ao ápice. Era dessa forma que o autor de *Cinco Minutos* envolvia seu público leitor.

3.3.3 – 3ª etapa: Leitura

Nessa etapa, trabalhamos com a leitura de um texto que fazia intertextualidade com o objeto da nossa contação de história. O que é intertextualidade? Segundo Kock (2014), “é escrever um texto, recorrendo a outros” [...]. No entanto, nem sempre a relação entre os dois textos estará explícita. Koch (2014) arremata:

A intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de conhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (KOCH, 2014, p.86)

O texto utilizado foi o *Acendedor de lampiões*, extraído do livro *Pequeno príncipe*, de Antoine Saint- Exupery. A intertextualidade, nesse caso, é implícita por tratar-se de “uma busca na memória para a identificação do intertexto e dos objetivos do produtor do texto ao inseri-lo no seu discurso” (KOCH, 2014, p. 92).

Depois de todos terem lido o texto, explicamos que a história a ser contada teria seus cenários noturnos diferentes do que conhecemos, pois, na época, a ausência de energia elétrica trazia muitas limitações, como já tínhamos constatado na pesquisa realizada. Velas e lampiões eram os recursos de iluminação existentes naquele período. Comentamos sobre a profissão de “acendedor de lampiões” existente na época e extinta após o advento da energia elétrica. Comentamos também sobre o “toque de recolher”, às 21h, uma vez que nesse horário, os lampiões eram apagados e não mais era permitido andar pelas ruas, sob pena de ser detido.

Solé (2009) comenta que as perguntas relacionadas ao texto indicam que os alunos estão utilizando seus conhecimentos prévios sobre o tema e têm noção do que sabem e do que ainda precisam aprender sobre o assunto. Para Cosson (2014), é necessário estabelecer “laços estreitos com o texto que se vai ler”. Conforme esse autor, responder a questões ou posicionar-se diante de um tema fazem parte da construção de estímulo para ler o texto. A motivação se dá quando chamamos atenção do aluno para determinadas possibilidades que, por si sós, ele não perceberia, já que seu repertório ainda é bastante limitado. Ao entrar em contato com outros textos, cria-se um repositório de ideias e, conseqüentemente, este é ampliado.

3.3.4 – 4ª etapa: Interpretação

Nessa aula, trabalhamos o título do romance: *Cinco Minutos*. Começamos com uma pergunta simples:

A expressão “cinco minutos” remete (ou lembra) a quê?

Todos responderam: “Tempo!”

Iniciamos uma discussão sobre a passagem do tempo, a partir da leitura do texto: **“O tempo parou, a cidade sumiu”** – de Diogo Schelp.

O RELÓGIO da Torre Cívica em Amatrice, na região do Lácio, a 150 quilômetros de Roma, marca 3h36, o horário exato em que um terremoto de magnitude 6,2 na escala Richter atingiu o coração da Itália na quarta-feira 24. A torre medieval de 27 metros de altura foi uma das únicas construções que permaneceram de pé (a outra que se destaca na paisagem de devastação, situada alguns passos adiante, é um prédio moderno de tijolos vermelhos ocupado por uma agência bancária), mas os tremores derrubaram o seu sino e danificaram as

engrenagens de seu relógio, congelando os ponteiros no horário da tragédia. Amatrice, de 2500 habitantes, assim como Accumoli, Pescara del Tronto e Arquata del Tronto, outras cidades afetadas pelos abalos sísmicos, atraíam turistas por serem paradas no tempo: pequenas, antigas, calmas, cheias de histórias. Agora, de certa forma, “não existem mais”, para emprestar a expressão usada pelo prefeito de Amatrice, Sergio Pirozzi, ao descrever o estado das coisas. Até sexta-feira, a contagem de mortos estava em 268 e ainda havia vítimas sob os escombros. Quase não se tinha esperança de que ainda pudessem ser resgatadas com vida. Se repetir o exemplo de L’Aquila, cidade italiana devastada por um terremoto em 2009 (ocorrido às 3h32!) e que até hoje ainda não foi inteiramente reconstruída, Amatrice continuará parada no tempo: nas fatídicas 3h36 de 24 de agosto de 2016. **Diogo Schelp** (Revista Veja, edição 2493 – ano 49 – nº 35 – 31 de agosto de 2016)

➤ Após a leitura do texto, pedimos aos alunos que ficassem estáticos por quinze segundos – e nós também ficamos – e perguntamos-lhes se foi muito tempo, se demorou, se passou rápido. Resposta da maioria: “Passou rápido!”

Mostramos a eles a foto que ilustrava o texto que foi lido: escombros de muitas casas que foram destruídas pelo terremoto. Além disso, perguntamos: “Vocês sabem quanto tempo durou esse terremoto?” E dissemos-lhes que durou 15 segundos. O objetivo dessa aula foi detectar a ideia principal do texto que, por sua vez, remetia à ideia do texto que eles iriam escutar posteriormente. Os alunos foram estimulados a refletir sobre a influência psicológica do tempo em nossas vidas. Quinze segundos são irrelevantes desde que não estejamos sob o efeito de um tremor de terra que poderá usurpar nossa existência. Cinquenta minutos assistindo a uma aula não terá em nossa mente o mesmo efeito de cinquenta minutos passeando no shopping center. Embora o espaço de tempo seja o mesmo, o evento que nos proporciona prazer tende a parecer que passou mais rápido. Há uma explicação científica para isso. Quando estamos envolvidos em uma atividade que consideramos prazerosa, o nosso cérebro libera uma substância conhecida como dopamina, que causa sensação de bem-estar. Essa substância influencia na nossa percepção de tempo e nos dá a impressão de que ele passou mais rápido. Segundo Chopra (2015, p.13): “Nosso cérebro não só interpreta o mundo, mas o cria”.

Voltamos para o título do livro. Explicamos aos alunos que por causa de um atraso de cinco minutos, a vida do narrador-personagem deu uma reviravolta, e o seu cotidiano foi abalado por um encontro inesperado. Para Solé (2009), o grande desafio é que, aos poucos, o

aluno ganhe autonomia e possa elaborar por ele mesmo, sem ajuda do professor, conceitos aplicados anteriormente. Dando continuidade à etapa da interpretação, lemos o primeiro capítulo da obra *Cinco Minutos*. Os alunos leram silenciosamente, depois cada um leu um fragmento. Por ser um romance clássico, a leitura trouxe dificuldades e dúvidas aos alunos do 6º ano.

De acordo com Solé (2009), no momento da leitura silenciosa, é normal que os alunos recorram ao professor sempre que se deparam com palavras cujos significados eles desconhecem. Isso aconteceu de fato, porque havia muitas palavras que eram totalmente desconhecidas para eles. Existem casos em que, avançando a leitura, o aluno consegue inferir o significado da palavra a partir do contexto. Porém isso não aconteceu por ser um texto escrito numa época muito anterior e, principalmente, porque os alunos têm o léxico bastante reduzido. Ao fazermos a leitura em voz alta, percebemos que eles tropeçavam bastante nas palavras desconhecidas, provavelmente por estarem entrando em contato com elas pela primeira vez. Todas foram circuladas, e o seus significados foram devidamente procurados no dicionário.

Palavras listadas pelos alunos:

- Oscilação
- Pêndula
- Resignação
- Monótona
- Ordinário
- Insípida
- Farfalhar

Essa atividade do uso do dicionário evidenciou que uma parte dos alunos ainda não tinha a familiaridade necessária com o dicionário. A maioria desenvolveu bem a atividade; outros, porém, não conseguiram a mesma performance. Percebemos que é importante o uso dessa ferramenta em sala de aula. O uso constante desse recurso amplia o vocabulário dos discentes.

A partir da 5ª até a 10ª aula, iniciamos a contação da história com os alunos devidamente familiarizados com diversos elementos relativos à história. Ou seja, houve uma motivação anterior, criou-se uma expectativa para ouvir a história. Para Solé (2009), essas reflexões antes da leitura podem contribuir para que seu ensino e sua aprendizagem tornem-se mais fáceis e mais produtivos.

Antes de iniciar o reconto, explicamos aos alunos que etimologicamente existe uma diferença entre ouvir e escutar. O ouvir está ligado à percepção de sons, e na escuta ouvimos com interesse aquilo que o nosso semelhante tem a nos dizer. Portanto, o objetivo de nossa aula, naquele dia e nos dias subsequentes, seria que eles escutassem a história. Solicitamos-lhes que anotassem o conteúdo de nossa fala, pois ao final transformariam o texto oral em texto escrito. Há várias razões para colocar os pensamentos no papel:

- O que é escrito não é esquecido. Ainda que seja esquecido, pode ser lembrado;
- O ato de repensar com as próprias palavras;
- Escrevemos para refinar o pensamento;
- Escrevemos para saber o que pensamos.

É preciso desenvolver nos alunos a capacidade de redigir, de colocar no papel as ideias, porque se cria um objetivo para a escuta. Se assim não for, os discentes dispersam-se. Desse modo, iniciamos a contação da história.

A contação de histórias trabalha além do intelecto, a emoção, o desenvolvimento da oralidade e faz uma ponte para o livro. Segundo Cândido (2004, p.186): “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna compreensíveis e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A proposta de atividade foi desenvolvida na turma do 6º ano A da Escola Estadual 17 de Março, entre os meses de agosto e setembro de 2016. A experiência foi enriquecedora, principalmente porque confirmou o diagnóstico inicial. Necessário se faz lembrar que a leitura não é prioridade ainda na vida escolar dos nossos jovens e adolescentes. A biblioteca não impacta a vida da escola e não atrai os alunos. Cabe lembrar também que a biblioteca da Escola Estadual 17 de Março mantém suas portas fechadas por falta de um funcionário que possa atender o público estudantil. Ressalte-se que há um acervo considerável em seu interior, o qual, se não utilizado, perde seu valor prático.

Por questões que fogem à alçada dos gestores da escola, esse espaço tão importante na vida escolar não funciona como realmente deveria. No entanto, isso nos motiva ainda mais a levar literatura aos alunos. O contador de histórias transmuta-se em livro e vai até o leitor. Nas palavras de Bajard (2014):

A transmissão vocal transforma a permanência do texto em ato efêmero e único. O texto gráfico permanece sempre idêntico diante dos olhos do leitor, enquanto a voz do locutor é sempre nova aos ouvidos. Zumthor (2000) afirma que uma *performance* transforma o texto escrito em obra. (BAJARD, 2014, p. 34)

Sabemos que uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula é fazer os alunos pararem não só para ouvi-los, mas também, principalmente para escutá-los. Segundo Chopra (2013), a geração que nasceu sob o domínio digital sofreu mudanças cerebrais. Embora os adolescentes possam passar horas em jogos virtuais e redes sociais, os caminhos neurais utilizados para a interação interpessoal são prejudicados. A educadora americana Tracey Tokuhama-Espinosa, 47 anos, revela que “a capacidade do aluno de reter informações se esgota em apenas 10 ou 20 minutos”. De acordo com ela, a ausência de atenção implica ausência de memória, que, por sua vez, elimina a aprendizagem.

Podemos afirmar que durante a contação de histórias, essa dificuldade foi superada, e 80% da turma absorveu boa parte do conteúdo da história. Este fato foi demonstrado no texto escrito por eles. Os outros 20% foram casos que extrapolaram a sala de aula, tais como alunos que não frequentam a escola com regularidade ou chegam sempre atrasados. Ainda houve um caso específico de uma aluna que, embora estivesse presente a todas as aulas em que a história foi contada, não conseguiu absorver o conteúdo. Todos foram orientados a fazer anotações do texto oral porque a finalização seria o texto escrito por eles.

Outra dificuldade sobrepujada foi a de tentar esclarecer ao aluno que aula dada não é somente aquela em que o professor escreve o assunto no quadro, eles o transcrevem no caderno e fazem um exercício. Constantemente, éramos cobrados pelos alunos sobre o “assunto” da prova, quando, na verdade, eles ainda não tinham se dado conta de que estavam produzindo o assunto e arquitetando a própria nota. De acordo com Libâneo (1994):

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino aprendizagem. Através dela os resultados vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos, são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. (LIBÂNEO, 1994, p.95)

O desenvolvimento da proposta foi bastante significativo. Houve motivação, correspondência e envolvimento por parte da turma.

Ao final, escolhemos quatro escritas de alunos que serão descritos como M1, M2, H3, H4 – duas meninas e dois meninos – e veremos o grau de apreensão e compreensão da narrativa oral. Bajard (2014) faz a diferenciação entre escuta e leitura. Esta liga-se ao visual; aquela, à sonoridade. Segundo ele: “A transmissão vocal transforma a permanência do texto em ato efêmero e único. O texto gráfico permanece sempre idêntico diante dos olhos do leitor, enquanto a voz do locutor é sempre nova”.

Há, entre os alunos, a famosa preguiça de ler. Sempre que estão diante de um texto, disparam as pérolas: “É pra ler todo?” Ou ainda: “É muito grande!” A contação de histórias, no nosso caso específico, surtiu o efeito da leitura do livro. Os quatro alunos escolhidos para representar a turma na análise dos textos mostraram que estavam atentos aos detalhes, e é perceptível também o quanto a sequência didática auxiliou na fixação dos detalhes. Através de um barema, avaliaremos a compreensão e fixação da história em: muito bom, bom, regular e ruim. O barema é retirado da sequência expandida de Cosson (2014) e é constituído de três itens, a saber: Contextualização histórica, contextualização temática e contextualização presentificadora.

4.1 PRODUÇÕES DOS ALUNOS

Aluna M1: “9 horas da noite todo mundo tinha que se recolher para ir para casa por que se não entrasse ia ser preso, e não tinha energia elétrica era lampião tinha um homem que ia em todos os poste para acende e não e igual o de agora não era de madeira mais por causa de 5 minutos ele perdeu o bonde e que era uma carruagem, não era de eletricidade era puxado de cavalo ai quando ele entrou ele percebeu que uma pessoa se afastou para ele se senta quando ele sentou ele percebeu que uma pessoa encostou o braço da pessoa com o dele ai ele pensou que era o balanço do Bonde mais a pressão aumento e ele olhou para o lado mais não dava para olha para cara dela porque de antigamente não usava short curto ou blusa curta só usava roupa longa er não dava para ver então ele começou a pensar que ela era feia, velha, ai ela tava com o xalher e ela balançou e tava com um perfume cherouso era bom com cheiro de sândalo e ele falou que ela não era mais feia, velha ai ela pegou na mão dele e ele foi e deu um Beijinho no ombro dela e ela deu um pulo ai quando ela pulou ele falou no ouvido dela e falo se tivesse atrapalhando que se retirasse ai ele pegou na mão dele de novo ai ele ficou mais um minutos com ela ai depois uma senhora deu um toque e ela falou ‘não se esqueça de

mim' ela foi embora e ele foi para casa triste passou 15 dias mais ele ia para pega o Bonde todo dia mais não achava ela, e ele foi pra um baile mais ele não queria outra mulher queria aquela com cheiro de sândalo que ele viu no Bonde ai depois ouviu uma voz igual a dela mais não era ela era uma senhora de aproximadamente 50 anos e ele falou 15 dias e não achei minha amada e depois veio uma pessoa atrás dele e falou de novo 'não se esqueça de mim' e quando foi olhar para trás ela desapareceu e foi para casa triste e disse 'Meu Deus' perdi minha amada de novo e ele teve uma ideia e acesou uma lâmpada que no século 19 era lampião e ele foi ao teatro porque ele pensou e falou ela Gosta dessa Frase e ele foi e levou um Binóculo para ver se encontrava ela ele no primeiro dia olhou para o lado e para o outro e não achou nada e o segundo também não mais no 3 ele olhou e viu ela lá no camarote e ele foi lá comprou o ingresso para ficar perto dela. mais no camarote perto dela tinha uma parede no meio e ele começou a torcer lá no teatro e as pessoas do teatro queriam silêncio e ele jogou uma cadeira no chão todo mundo ouvia mais ela não e ele com vergonha ficou quietinho e ela saiu mais no meio do caminho ela falou para mãe esqueci uma coisa lá. Mas era mentir, era pra conversar, mas ele disse uma coisa que deixou triste, chamou ela de namorada. e ela enxugou as lágrimas e deu lenços para ele, e quando todo mundo saiu aí ele foi para casa triste, e ele viajou para floresta da tijuca. no hotel foi descansar e ele estava pensando para como achasse ela. e ele foi tomar café da manhã e dormiu e acordou, deu oito horas da noite e ele foi sentar na pedra para ver o pô do sol, e o nome dela Carlota e depois ela escreveu uma carta e escreveu falando que ia para Petrópolis. e ele com pressa foi pra lá primeiro, por que queria encontrá-la. Chegando lá em Petrópolis e foi lá no hotel e perguntou se conhece uma senhora uma moça e ele falou que não conhece e ele falou moço importa a ele mostrou um dinheiro também aí ele falou moço importante e ele foi lá dar 9 horas e acontecia o que com 9 horas todo mundo tinha que se recolher e ele pulou o jardim e ele ouviu uma música da ópera a que ela gostava aí ele começou a cantar aí ela apagou as luzes e ela abriu a porta e eles começaram a conversar como pessoas conhecidas e eles começaram a abraçar e ele pediu uma coisa pra ela pediu pra ver o rosto dela e disse onde estava o lampião e ele olhou para cara dela e ela não era feia era bonita e ele ficou mais apaixonado ela pediu pra ele ir embora e ele foi embora feliz. aí tomou banho, e desceu pra tomar café da manhã e ele recebeu um baúzinho de madeira e não existia guarda roupa era isso e pegou o baú e foi para o Quarto e lá havia uma foto dela, carta enorme, mecha de cabelo dela que significava: que a pessoa queria algo a mais que amizade. e ela revelou segredos que ninguém sabia só a mãe dela e ela tinha 16 anos e ele 20 e pouco, e ela contou com 15 anos a mãe começou a levar ela nos bailes ela falou que não

gostava mais para agradar a mãe ela ia ela teve uma gripe Que deu uma tuberculose mau curada e ela falou que tava perto da morte e ela falou que no outro dia ia pra Rio de Janeiro e falou que ia no outro dia iria para eoropa ia, e ele pediu para fazer uma comidinha rapidinha e ele foi só que não tinha nada, e um cavalo e foi e chegou e saiu e quando foi na beira do mar o cavalo de tal velhinho Que era morreu Quando chegou ele (o Barquinho) tinha partido e ele viu o pescador vindo ai ele perguntou se ele podia leva ele no Rio de Janeiro e ele falou (o pescador) não dar porque voltei agora do meio do mar e não peguei nenhum peixe mais o homem mostrou a coisa que nenhuma pessoa resiste (o dinheiro) ai ele falou vamos fazer assim eu vou lá na minha mulher avisar ai o homem falou tambom e eles partiram e começou a rema e o homem sentiu fome e ele lembrou que tinha pedido a comida rapidinha e eles dividiram ai ele também tinha um vinho e eles foram e tomaram uns goles e ficaram bêbado e o homem dormiu e Quando acordara o sol tava se pôdo ele ficou nervoso e falou que não sabia nada e aquele homem (o pescador) nadou e foi no amigo dele e foi pega dois Remos e chegaram no Rio de Janeiro de manhã e ele tava todo amassado, descabelado, e impasientê quando desseu do Barquinho o Barco de carlota, ficou toda feliz e ele não ia dar pra ir e o navio partiu depois de 1 mês ele foi para europa e carlota era esperta cada parada deixava uma carta e ele foi segundo as pista e ele encontro e deram um abraço e não podia dar um beijo na boca da tuberculose e deu uma crise e começou a turci e começou a sair sangue e chamou a mãe e a mãe chamou o médico e ele falou não vou deixa-la morrer sem Deixa ela e ele Beijou Forte e ela reviveu porque o amor deles era verdadeiro e ele falou feliz e a mãe também e ele falou se queria casar com ele ela falou sim e casou na igreja Santa Maria Novela e foi para Rio de Janeiro comprou uma fazenda e não queria ter filhos e ela cuidava das flores e ele Fazia livros falando sobre as vidas deles e eles foi felizes para sempre”.

Avaliação	Muito bom	Bom	Regular	Ruim
Contextualização histórica	X			
Contextualização temática	X			
Contextualização presentificadora	X			

A aluna M1 contextualiza bem o momento histórico quando faz referência ao toque de recolher às 9h p.m., à ausência de energia elétrica e ao profissional intitulado acendedor de lampiões. A aluna faz várias alusões ao que foi estudado em aulas posteriores à contação da

história e que visava à melhor compreensão do texto a ser escutado. A temática do amor foi apreendida pela aluna, tal como a impossibilidade por causa da doença da qual a protagonista foi acometida. A aluna faz várias comparações entre o passado e o presente, tais como: os postes de antigamente não eram iguais aos de hoje, as roupas daquela época eram compridas, as de hoje são curtas, os bondes são comparados aos ônibus, ou seja, há presentificação no texto. Koch (2000) nos lembra que para compreendermos um texto, torna-se imprescindível a ativação dos conhecimentos prévios, pois estes são essenciais para que façamos inferências e relacionemos as diversas partes do texto.

Aluna M2: 9 horas da noite tinha um homem que apagava as luzes em postes não tinha nitem na rua e se alguém ficasse na rua ia preso. Todo mundo ficava dentro de casa conversando ou lendo. Bom voltando a história tinha o homem que perdeu um bonde por causa de cinco minutos tudo na vida dele mudou e ele esperou outro bonde e checou o bonde como o bonde estava cheio ele se sentou lá no fundo do bonde para ficar longe das conversas aí o bonde parou no ponto e uma mulher entrou e se sentou perto dele além de estar escuro o véu caiu no chapel de palha dela o braço dela se aproximou eu abaixei a cabeça e beijei o ombro dela e tinha uma parte que ela balançava o colete e ele sentia o cheiro dela o nome do perfume era chamado sândalo e era o perfume mais cheroso depois de um tempo ele achou que ela era feia disse na mente. ah deve ser feia essa mulher, porque ela esconde o rosto. Será se é feia! Será se é velha! Será se é bonita! ele ficou na dúvida disso e aí chegou a hora de descer do bonde. E ela desceu e depois de um tempo ele também desceu e foi trabalhar chegando em casa ele percebeu que estava apaixonado e ele foi pro ponto do bonde e foi pra pra lá no mesmo horário mesmo local e desceu no mesmo lugar que ela desceu mas não encontrou e ouviu um baile e ele foi para ver se encontrava ela. No primeiro dia foi mas não encontrou no segundo dia foi mas não encontrou no terceiro dia também não encontrou no quarto dia ele viu a mãe dela descer do lugar mas ela tinha ido embora ele ficou triste e preocupou ela bastante de repente encontrou um apartamento e perguntou a mulher mas ela não quis dizer e ele tirou dinheiro da carteira e a recepcionista disse que ela antes ela morava aqui e ela saiu e ele perguntou onde ela foi morar a mulher não disse e ele tirou o dinheiro e ela contou ela viajava ela namorava com ele e parece que tinha um filho e ela viajava com o filho e ele pegou o nome da rua o número Chegando do lugar ela estava cansada e falou pra mãe vou dormir e a mãe disse não eu vou tocar piano e ela tocou e ele disse um que lindo o toque teve uma ideia disse seu cantar vou chamar a atenção dela e cantou ela ouviu uma voz e foi ver de que era essa voz ela não viu e ficou com

versando com ele e disse que ficou doente que daqui a quatro meses morreria el ficol muito triste mas esses quatro meses passou muita felicidade.

Avaliação	Muito bom	Bom	Regular	Ruim
Contextualização histórica		X		
Contextualização temática		X		
Contextualização presentificadora				X

A aluna M2 faz a contextualização histórica quando se refere ao toque de recolher, mas não aprofunda outros aspectos que foram estudados. A temática do amor está presente no seu texto, porém a contextualização presentificadora não se faz muito nítida.

Aluno H1: “Era uma vez no século XIX um honen que ia compra um bilhete na bilheteria lá tinha um posto para e pegar um bonde, era 7:00 horas da noite, então perguntou pode ne enformo se já passou um bonde então o bilheteiro lhe disse ‘o bonde já passou agora so vai passar daqui a uma hora’ e só por causa de 5 minutos a vida dele deu uma reviravolta naquele não existia energia eletricar as pessoas se sentavam para conversar lia um livro ai foi que ele foi para casa. chegando em casa tomou uma decisão que ia viajar. no outro dia de manha viajou pra floresta do tijual no rio de janeiro, tomou um café bem reforçado eram 08:00 horas da manhã estava muito camsado da viagem e foi dormir às 08:00 h da manhã ele so acordou as oito 08:00 hrs da noite depois desses dias todo ele voltou para casa um rapaz levou uma carta ao honen a carta era da moça ele perguntou a recepcionista e perto do hotel havia uma senhora com uma filha deu as características só que a moça disse que não sabia o moço levou a mão no boço e tirou algumas sedulas a recepcionista disse a moço por que não falou antes o moço do hotel levou ele na casa dela mas ele não sabia o nome dela tinha um jardim na casa dela ele arrodeio e ficou lá semtado ne uma mesa de pedra ela apagou aluz”.

Avaliação	Muito bom	Bom	Regular	Ruim
Contextualização histórica		X		
Contextualização temática			X	
Contextualização				

presentificadora			X	
------------------	--	--	---	--

O aluno H1 cita elementos históricos, mas não faz a contextualização presentificadora e não se detém a detalhes que remetem ao tema. Seu texto carece de pormenores que enriqueceriam a narrativa e mostrariam seu grau de apreensão.

Aluno H2: “9 horas da noite todo mundo tinha que se recolher para ir para casa por que se não entrassem ia ser presos, e não tinha energia elétrica era um lapião tinha um homem que ia em poste em poste para acender e não era poste igual agora não era de madeira, mais por causa de 5 minutos ele perdeu o bonde que leva uma carriagem, não era de eletricidade era puxado de cavalo ai Quando chegou o bonde, ai ele entrou ai ele sentou percebeu que encostou o braço da pessoa com o dele ai ele pensou que era o balanço do bonde mais a pressão aumentou e ele olhou para ela de mais mais não dava para olhar para casa não dava para olhar para cara dela porque as mulheres de antigamente não usava shots curtos ou blusas curtas, so usava roupas longas e não dava para ver então ele começou a pensar que ela era feia, ai ela tava com um perfume cheiroso e ele pensou que se porque o cheiro era bom ele falou que ela não era mais feia, velha ai ele pegou no meio dela e ele foi e deu um beijinho no ombro dela ai ela pulou e falou no ouvido ai falou se tiver atrapalhando que se retirasse ai ela pegou na mão dele denovo ai ele mais um minutinho com ela ai depois uma senhora deu um toque e ela falou não se esqueça de mim.

Chegando em petropolis ele foi la no hotel e perguntou se conhecia uma senhora uma moça então ele falou que não conhecia e ele falou é muito importante ai ele mostrou um dinheiro também ai ele falou moço é muito e ele foi no escuro ia dar 9 horas, acontece que com 9 horas todo mundo tinha que ser recolhido e ele pulou o jardim e ele ouviu uma musica de opera a que ele gostava ai ele começou a cantar também ai ela apagou as luzes e ela abriu a porta e eles começaram a conversa como pessoas conhecida ai ele pediu uma coisa pra ela, ele pediu pra ver o rosto dela, ai ele olhou para cara dela e ela não era feia era bonita e ele ficou mais apaixonado ainda, ela pediu para ele ir embora e ele foi embora muito feliz ai tomou banho e deseou pra tomar café, ele recebeu um baú e foi para o quarto e havia uma foto, carta e ele revelou segredos e niguem sabia e ela tinha 16 anos e ele 20”.

Avaliação	Muito bom	Bom	Regular	Ruim
Contextualização histórica		X		

Contextualização temática		X		
Contextualização presentificadora		X		

O aluno H2 contextualiza historicamente. Mostra que entendeu a temática do texto, faz comparações entre o passado e o presente, e, embora enriqueça o texto com detalhes, não finaliza a história.

Em âmbito geral, o resultado foi satisfatório, já que houve uma manifestação de contentamento por parte dos alunos em ouvir a história. A cada aula, terminava-se a história em um ponto estratégico que os fazia ficar ansiosos por ouvir o restante da narrativa. Contudo, sempre há um aluno que quer ir logo para o final sem passar pelos meandros da narrativa. Houve silêncio durante todo o processo da contação de histórias. Houve atenção e muitos fizeram suas anotações pessoais a fim de não esquecerem pormenores da história. Todos foram orientados a escrever a história, procurando lembrar todos os pormenores, e para tal, as anotações seriam de grande valia. As aulas que ativaram os conhecimentos prévios ajudaram-nos a fixar melhor o conteúdo, fazendo-os lembrarem-se dos detalhes. Segundo Solé:

As crianças devem relacionar informações do texto, devem efetuar inferências e, nas perguntas de “elaboração pessoal”, devem emitir um parecer, uma opinião ou aportar conhecimentos relacionados ao conteúdo do texto, que apelam à sua bagagem cognitiva mais ampla. (SOLÉ, 2009, p.158)

A contação de histórias pretendeu ser o impulso inicial que levará os alunos ao mundo da leitura. A história é um recurso psicológico. À medida que os silencia, faz com que reflitam sobre aquilo que está sendo dito e estimula o raciocínio deles. Ela enriquece vocabulário, aprimorando a linguagem, o pensamento, e aguça a imaginação. Bajar (2014) frisa que a intimidade do aprendiz com a literatura leva-o a desvendar um tesouro. Desse modo, o enriquecimento intelectual é inevitável. Além disso, as histórias orais passam por um duplo canal linguístico: oral e escrito.

Essa proposta de intervenção parte do princípio de que contar histórias propicia ao aluno o uso da imaginação, do encantamento e da criatividade. Dessa maneira, proporciona prazer e aprimora a prática pedagógica do docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo maior desse projeto foi mostrar que a contação de histórias cabe em qualquer etapa da vida escolar. A partir das atividades propostas e realizadas em dez aulas – cinco das quais foram utilizadas para contação – percebemos que houve empenho por parte dos alunos. A atividade de pesquisa realizada por eles foi bastante proveitosa, pois os levou a novas descobertas.

Apoiando-nos nas teorias sobre leitura, letramento e reconto, elaboramos uma proposta de intervenção que, desenvolvida em dez aulas, comprovou que é possível atrair o aluno para a leitura e para a escuta de textos. Percebemos a ansiedade da turma a cada aula de contação. Quando o sinal tocava, eles não saíam da sala, pois estavam envolvidos e desejosos de saber o final. Houve prazer na escuta; houve atenção. Podemos dizer que eles ouviram atentamente a voz do semelhante (professor) e o fizeram com interesse.

Constatamos que não basta mandar o aluno ler ou reclamar porque ele não o faz. É preciso criar estratégias que o envolvam. A sequência didática de Cosson (2014) e as estratégias de leitura de Solé (2009) foram primordiais para colocarmos em prática a proposta de intervenção. Acreditamos na viabilidade e na eficácia da nossa proposta. Ainda que estejamos imersos em um mundo tecnológico, contar histórias é uma ferramenta milenar e eficaz. Esperamos, assim, que esta proposta de trabalho seja mais uma contribuição para aqueles que se preocupam em garantir aos seus alunos um aprendizado eficaz e, por que não dizer, lúdico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. M. de. **Cinco Minutos**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2014.

BERENBLUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores**. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica – Brasília, 2009.

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização**: Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília, 1999.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**. Brasília, DF, 1996.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

CHOPRA, Deepak; TANZI, Rudolph E. **Supercérebro: como expandir o poder transformador da sua mente**. São Paulo: Alaúde editorial, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Ensinar o Brasileiro: respostas a 50 perguntas de professores de língua materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GOMES, Laurentino. 1808. Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil. São Paulo: Planeta, 2007.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2015.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

_____. O Alencar dos primeiros tempos. In: **Alencar, José de. Cinco Minutos/ A Viuvinha**. Ed. Ática, São Paulo, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**, São Paulo: Cortez, 1994

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Da fala para a escrita** – atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola. 2015

SAINT-EXUPERY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Agir, 1984

SCHELP, Diogo. **O tempo parou, a cidade sumiu**. VEJA, São Paulo, Ed. Abril, edição 2493, ano 49, nº 35, 31 de agosto 2016.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A sabedoria da vida**. Tradução Jeanne Rangel. São Paulo: DPL Editora, 2007

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001/organização Vera Masagão Ribeiro. São Paulo: Global, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TOLEDO, Renata F.; Jacobi, Pedro R. **Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas**. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 04 out 2016

TOKUHAMA-ESPINOSA, Tracey. **Dilema de mestre – Atenção do aluno dura 20 minutos**. Disponível em: www.educacaodeficiente.blogspot.br. Acesso em: 04 out 2016.

APÊNDICE – CADERNO PEDAGÓGICO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE

DALVA REJANE DO CARMO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA
LEITURA**

SÃO CRISTÓVÃO / SE

2016

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	4
2.1 Material.....	7
2.2 Descrição da proposta.....	8
3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	9
3.1 - 1ª Etapa: Motivação	9
3.2 - 2ª Etapa – Introdução.....	10
3.3 - 3ª Etapa: Leitura.....	12
3.4 - 4ª Etapa: Interpretação	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

INTRODUÇÃO

A linguagem está em toda parte, seja ela escrita, oral, visual ou sonora. Mas não podemos dizer que todos estão aptos a compreender a diversidade de textos que nos rodeiam. Embora tenhamos um número considerável e crescente de pessoas alfabetizadas, não há essa mesma proporção para os letrados. De acordo com Kleiman (2000), “a leitura é um processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural, enciclopédico”. Para Carroll (apud Kleiman, 2000), “a leitura constitui o processo cognitivo por excelência”. Ou seja, ler é ir além da decodificação. O uso das estratégias de leitura visa ao desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação, a fim de construir um leitor ativo e proativo em sala de aula.

Segundo Solé (2008), para que haja proficiência leitora por parte dos alunos, suas atividades de leitura devem ser significativas. As estratégias de leitura são procedimentos que levam a essa significação. É para esse sentido que o letramento literário aponta. Segundo Cosson (2014), “as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir”.

A mediação do professor é essencial no processo de interação e no impacto que a leitura terá no aluno. Para tal, faz-se necessário que o próprio professor esteja constantemente envolvido com as mais diversas linguagens. Kleiman (2001) enfatiza que o não uso de estratégias de compreensão e leitura de textos leva o aluno a sair da escola sem manejar essa habilidade.

Para Solé (2009), a leitura implica prazer e espontaneidade. Em nossas salas de aula, essas palavras nem sempre encontram eco. Nossos alunos, na maioria das vezes, veem a leitura como uma atividade imposta pela escola e, portanto, desprovida de alegria.

Urge que se traga para a sala de aula encanto e sedução, sem que isso necessariamente prejudique a aprendizagem. E nada mais sedutor do que uma história bem contada. Sherazade seduziu o sultão, escapou da morte e evitou que outras donzelas fossem assassinadas, contando histórias e encerrando-as com um momento de suspense, sempre deixando para o dia seguinte a resolução do enigma. Isso deixaria o sultão ansioso, em estado de expectativa pelo final da história. Este é o desafio. Solé (2009) nos diz que é necessário desafiar o nosso aluno para que ele tenha interesse pela leitura, levando-se em conta que existem situações de leitura que são mais motivadoras do que outras.

Para Cosson (2014), “nossa constituição como leitores passa necessariamente pela relação afetiva que mantemos com os textos. E guardá-los no coração e dizê-los em voz alta com a força da emoção é uma maneira de demonstrar isso”.

Diferente do bombardeio intelectual, a história está ligada à emoção, sendo memorizada com mais facilidade. As narrativas marcam o ser humano, porque permitem novas leituras de mundo e leituras de si próprio. No processo de contação de histórias, estamos ensinando o aluno a escutar a nós professores. As narrativas exemplificam conceitos de uma forma lúdica. Educar é contar histórias. O grande desafio da sala de aula hoje é tornar o assunto atraente.

O objetivo deste trabalho é tornar a leitura significativa e a contação de histórias não só um momento fascinante e envolvente, como também uma ponte para a leitura, contribuindo, assim, para a formação de alunos leitores. E como objetivos específicos, influenciar o interesse do aluno em ler outros livros, formar leitores ativos e exercitar a escuta em sala de aula, a partir da contação de histórias.

Esta proposta de intervenção parte do princípio de que contar histórias propicia ao aluno o uso da imaginação, do encantamento e da criatividade, além de proporcionar prazer e aprimorar a prática pedagógica do professor.

Sendo um dos objetivos do nosso projeto o aprimoramento da prática pedagógica, o método utilizado foi a pesquisa-ação. Essa metodologia permite que o pesquisador assuma dois papéis: pesquisador e participante do grupo. Toledo (2012) nos diz que na pesquisa-ação as intervenções e a produção do conhecimento se inter-relacionam.

O modelo adotado foi a sequência básica proposta por Cosson (2014) no livro *Letramento literário: teoria e prática*, sequenciado em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Utilizamos também as estratégias de leitura de Isabel Solé (2009). A proposta de intervenção foi desenvolvida em 10 aulas, cada uma com duração média de 40 minutos.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O grande equívoco que a maioria de nossos alunos comete em seu dia a dia escolar é não prestar atenção às aulas. O poder de concentração de crianças e adolescentes vem diminuindo ano a ano, dia após dia. É bem verdade que aulas de 50 minutos tornam-se longas e enfadonhas e, principalmente, quando há tanto o que ser feito com um

smartphone na mão. Adultos e adolescentes vivem conectados constantemente. Boa parte dos adolescentes não desligam o celular nem para dormir. E o grande desafio hoje é este: desligar o outro da tomada, manter o contato interpessoal, reaprender a conversar e a interagir naturalmente, não só em tempo real, mas na vida real. É isso que as narrativas orais fazem: agregam, fazem-nos parar, não só para ouvir, mas também e principalmente escutar.

Pensando nessa realidade na qual o mundo tem mergulhado e, por conseguinte, a escola, a atividade aqui relatada objetivou a criação de vínculos em sala de aula, através da contação de histórias. Almejou fazer com que os alunos prestassem atenção às aulas e se concentrassem para melhor entender os assuntos explanados. Pretendeu incentivar o hábito e o gosto pela leitura, porque é sabido que, embora o ser humano tenha bilhões de células nervosas – neurônios –, o que o torna inteligente são as sinapses, ou seja, as conexões entre esses neurônios. “A capacidade do cérebro de fazer novas conexões é tão incrível que um feto prestes a nascer forma 250.000 novas células cerebrais por minuto, gerando milhões de novas conexões sinápticas a cada sessenta segundos” (CHOPRA, 2013 p. 21).

No momento do nascimento, o cérebro apresenta 30% das conexões cerebrais; as demais se desenvolverão ao longo da vida, à proporção que o intelecto for utilizado. É necessário, pois, que haja o estímulo dessas células a fim de que as conexões possam ser reforçadas; caso contrário, serão eliminadas. O cérebro tem plasticidade, ou seja, aprende e desaprende. Se estudamos para uma avaliação em cima da hora simplesmente para ter uma nota, não vamos aprender a matéria; teremos conhecimento para aquele momento somente. Essa aprendizagem sumirá do nosso cérebro. Porém, quando aprendemos algo de verdade, jamais esqueceremos. Sendo assim, é função da escola, também, ensinar o aluno a ativar sua inteligência.

Aprender requer elementos da cognição, tais como atenção, percepção, memória, elaboração, capacidade de responder e de comunicar-se, que são recursos particulares do sujeito. Cognição é dinâmica mental e está diretamente ligada à produção de informações. Por causa da neuroplasticidade podemos dizer que o cérebro é adaptável. Assim se posicionam Chopra e Tanzi (2013) sobre o assunto:

Durante todo o tempo em que a neuroplasticidade ainda não tinha sido legitimada, a medicina poderia ter dado atenção ao filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, que em meados do século XVIII afirmou que a natureza não era estagnada ou mecânica, mas viva e dinâmica. Ele foi

além ao propor que o cérebro estava continuamente se reorganizando de acordo com as experiências vividas. Portanto, as pessoas deveriam praticar exercícios mentais tanto quanto exercícios físicos. Essa pode ter sido a primeira afirmação de que nosso cérebro é flexível, plástico e capaz de se adaptar às mudanças do ambiente. (CHOPRA, 2013, p. 37)

Atividades físicas ativam o corpo, atividades mentais ativam o cérebro. Cérebro ágil produz respostas igualmente céleres, e podemos dizer que a leitura é umas das atividades mentais mais completas. A ausência de leitura explica o sofrível desempenho dos alunos em sala de aula e fora dela. Solé (2009) enumera os diversos objetivos da leitura, porque há tantos objetivos quanto situações, e a escola é o local adequado para desenvolver algumas dessas situações. A contação de histórias é um recurso que pode ser utilizado na sala de aula para criar o gosto pela leitura.

Uma das principais funções da escola é ensinar a criança a ler, porque ao adentrar os portões da instituição, a criança já consegue comunicar-se através da linguagem falada. Mas, a escola ensina a ler, porém não estimula no educando o desejo, a vontade de ler. Algumas considerações podem ser feitas, e algumas delas seriam a não priorização da leitura em sala de aula, a inapetência do próprio professor em relação à leitura e ausência de investigação sobre o assunto. Dá-se mais importância aos conteúdos gramaticais do que à leitura. Kleiman (2000) assevera que “a formação precária do professor na área de leitura, bem como o desconhecimento dos resultados de pesquisa na área trazem consequências negativas para a qualidade do ensino”. Kleiman (2000) ainda argumenta que só podemos suscitar paixão pela leitura se formos igualmente apaixonados.

O professor apaixonado cria estratégias que levam o aluno a ter contato com o livro e tenha o desejo de ler. Aluno que não lê aprende pouco; professor que não lê, ensina mal. Segundo Ferrarezi (2007), a função do professor de língua materna é ensinar o aluno a ler bem, escrever bem e ouvir com interesse. Ouvir, ler e escrever devem ser o sustentáculo intelectual do aluno. A leitura estaria num nível mais elevado se sedimentasse o que foi ouvido e desse subsídios para a escrita. Uma das dificuldades que o aluno sente na compreensão do texto tem a ver com a ausência de repertório.

O processo de leitura é um olhar para trás, não só para o texto que está sendo lido naquele momento, como também para outras leituras que já foram realizadas. De acordo com Kleiman (2000), compreendemos um texto mais e melhor à medida que aplicamos conhecimentos anteriores. Para Solé (2009, p. 27): “No estabelecimento de previsões, os conhecimentos prévios do leitor e seus objetivos de leitura desempenham um papel

importante”. Trabalharemos o romance *Cinco Minutos*, escrito por José de Alencar no século XIX.

2.1 Material

O material selecionado é o livro *Cinco Minutos*, de autoria de José de Alencar (Ática, 2009), escrito no século XIX. Mas por que escolher um clássico? Sempre acreditamos que apresentar os clássicos da literatura brasileira somente no Ensino Médio pode gerar no aluno uma certa repulsa pelo consumo desse tipo de literatura. Sendo introjetado ao longo da trajetória escolar daria ao discente a familiaridade necessária e quebraria a aspereza de ele somente os conhecer quando já estiver prestes a ingressar na academia. Para que o aluno encare esse tipo de leitura com mais tranquilidade no EM, deve haver o aprofundamento gradativo no ensino fundamental. É no processo de contação de histórias que essa gradação também pode acontecer.

Embora *Cinco Minutos* seja um romance clássico, o tema da obra é atemporal: o amor. Isto gera empatia no leitor (audiência). Por ter sido escrito originalmente no formato de folhetim, os capítulos terminam sempre com um suspense pairando no ar e que será solucionado no capítulo posterior, gerando, assim, uma expectativa no leitor, ávido por ver a resolução dos imbróglios nos quais se envolve o narrador.

Era a estratégia utilizada pelo autor para prender o leitor, e este ansiava pela chegada de mais um capítulo do romance que se apresentava no formato de folhetim e chegava às bancas juntamente com o jornal. Nesse período da história do Brasil, iniciou-se o processo de formação do leitor. Marisa Lajolo (1996) explica:

Tais e tais estratégias, se não garantem ao narrador a fidelidade do leitor a um texto que se prolonga, sem dúvida, estreitam a cumplicidade entre ambos: o leitor é uma figura para quem se conta um segredo: os acontecimentos da trama. Aparentemente a técnica aplicada ao folhetim, deu certo; tanto é assim que é mantida no desenrolar do romance, reaparecendo mais adiante na obra de Machado de Assis. (LAJOLO, 1996, p. 20)

O romance *Cinco Minutos* foi o primeiro livro produzido por José de Alencar, escritor do Romantismo brasileiro, e traz no seu enredo um recorte da vida burguesa colonial no século XIX. Logo no início da trama, o desequilíbrio se apresenta quando o narrador-personagem, por conta de um atraso de cinco minutos, perde o bonde e o rumo

ao conhecer Carlota, adolescente de 16 anos, que se descobre doente e se esconde do homem que ama.

A narrativa é curta e cheia de peripécias, atraindo o leitor para o enredo, envolvendo-o e convidando-o para a leitura. Esse é o desafio do professor: formar leitores, não somente para o momento da escola, mas também, e principalmente, para além dos muros da instituição. Através do processo de contação de histórias tenciona-se que se estabeleça uma ponte para o livro.

2.2 Descrição da proposta

A aplicação do presente projeto faz parte do relatório do Mestrado Profissional em Letras. Sendo conhecedores de grande parte dos problemas pelos quais a educação passa e que afetam alunos e professores, e vendo a real necessidade de intervir na realidade, partimos da hipótese de que é possível desenvolver o gosto dos alunos pela leitura a partir da aplicação de estratégias pensadas por teóricos da língua.

A ferramenta aqui utilizada é a contação de histórias que, nas palavras de Cosson (2014), “é uma estratégia pedagógica que usualmente entra na escola como parte da preparação das crianças para a leitura”.

A contação de histórias no âmbito escolar está normalmente atrelada à educação infantil e ao ensino fundamental menor. Porém, essa atividade pode e deve ser aplicada em qualquer momento da vida escolar. Por que não contar histórias no Ensino Fundamental maior e por que não as contar no Ensino Médio? De acordo com Cosson (2014), a contação de histórias não beneficia somente crianças. O prazer ocasionado por essa atividade atinge todas as faixas etárias, inclusive os adultos, pois ativam o imaginário do indivíduo. Portanto, essa prática não deve limitar-se à educação infantil.

Reza a tradição que obras primas, tais como a *Ilíada* e *Odisseia* antes de serem escritas por Homero, faziam parte da cultura oral; eram contadas e recontadas, atravessando gerações.

Segundo Solé (2009): “Um fator que, sem dúvida, contribui para o interesse da leitura de um determinado material consiste em que esse possa oferecer ao aluno certos desafios”. Escutar uma história é desafiador, à medida que exige atenção e concentração, tal qual a leitura de um livro, momento em que nos abstraímos do espaço físico e mergulhamos no universo imagético da narrativa.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

3.1 - 1ª Etapa: Motivação

1ª aula: Oralidade – Informamos aos alunos que iríamos contar a eles uma história que tinha acontecido há muito tempo, no século XIX, e pedimos-lhes que usassem seus conhecimentos matemáticos e pensassem. Se estamos no século XXI, há quanto tempo essa história aconteceu? As respostas não foram precisas. Depois de algum tempo, alguém acertou. Dando continuidade à oralidade, convidamos os discentes a pensarem sobre o período de tempo em que a história se desenrola, e eles se referiram às telenovelas de época e descreveram a indumentária tanto de homens quanto de mulheres. Solé (2009) informa:

Em certo sentido, quando o professor tenta dar algumas pistas para seus alunos abordarem o texto, está fazendo algo semelhante ao que Edwards e Mercer (1988) denominam “construir contextos mentais compartilhados” para se referir àquilo que os participantes de uma tarefa ou conversa compartilham sobre ela e que pode garantir uma compreensão compartilhada, pelo menos em suas características gerais. (SOLÉ, 2009, p. 105)

A contação de histórias possibilita a criação de imagens, assim como a leitura propriamente dita, por isso foi solicitado aos alunos que imaginassem e descrevessem oralmente um adolescente que viveu no século XIX.

ATIVIDADE: Como as pessoas se divertiam no século XIX?

Após as respostas terem sido dadas, explicamos aos alunos que naquela época as pessoas, principalmente as que compunham uma classe social privilegiada, frequentavam teatros, promoviam bailes e saraus em suas residências. Os relacionamentos interpessoais

eram mais bem cuidados, pois as pessoas visitavam-se com frequência. Lemos para a turma um fragmento do romance *Cinco Minutos*:

Voltei ao baile, desanimado, a minha única esperança era a velha, por ela podia tomar informações, saber quem era a minha desconhecida, indagar o seu nome e a sua morada, acabar enfim com este enigma, que me matava de emoções violentas e contrárias. (...) A princípio, por uma intuição natural, julguei que ela devia, como eu, admirar essa sublime harmonia de Verdi, que devia também ir sempre ao teatro. (JOSÉ DE ALENCAR, *Cinco Minutos*, p.13)

ATIVIDADE: Fazer uma lista de coisas que existem no século XXI e não existiam no século XIX.

Depois que a lista foi feita, abriu-se um espaço para a leitura dos itens e a discussão que girou em torno da “ausência de coisas interessantes” na época mencionada. Terminada a discussão, solicitei como tarefa de casa, uma pesquisa o tema: **Como seria a nossa vida sem energia elétrica?**

De acordo com os PCN (1999), um dos objetivos gerais do Ensino fundamental é “saber utilizar diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimento”. Paulo Freire (2010) chama a atenção para o fato de que ensino não é reprodução, porém precisa ser produção. A pesquisa leva o aluno a descortinar o conhecimento e adquirir autonomia para aprender. No Ensino Fundamental, o professor deve motivar o aluno a pesquisar, ainda que seja uma pesquisa incipiente, mas que o leve a aprender sozinho algo novo.

3.2 - 2ª Etapa – Introdução

Na segunda aula, iniciamos a etapa de introdução da sequência básica com uma resumida biografia do autor do romance *Cinco Minutos*, José de Alencar. Cosson (2014) aconselha que essa apresentação não “seja longa e nem uma expositiva aula sobre a vida

do escritor”. Contudo, fizemos questão de frisar que o autor de *Cinco Minutos* morreu acometido de uma doença chamada tuberculose e que tal qual a AIDS nos séculos XX e XXI, a tuberculose, no século XIX, não tinha cura. Não era nosso objetivo falar sobre a obra, já que nas aulas de contação toda a história seria revelada aos alunos.

O material selecionado é a obra *Cinco Minutos* (Ática, 1997) escrita por José de Alencar, nascido em 1º de maio de 1829, em Messejana, no Ceará, e falecido em 12 de dezembro de 1877, no Rio de Janeiro, vítima de tuberculose, aos 48 anos. O romance traz no seu enredo um recorte da vida burguesa colonial no século XIX. Logo no início da trama, o desequilíbrio se apresenta quando o narrador-personagem, em virtude de um atraso de cinco minutos, perde o bonde e o rumo ao conhecer Carlota. Esta personagem é uma adolescente de 16 anos, que se descobre doente e se esconde do homem que ama. Ao tentar encontrá-la, o narrador-personagem, por ser um homem imediatista, envolve-se em diversas situações embaraçosas, pois sua impaciência e ansiedade o impedem de esperar, e ele se lança nas mais diferentes aventuras em busca do seu amor.

Há também um detalhe na obra que permeará toda a trajetória da narrativa e que se fará relevante nessa etapa: a ausência de energia elétrica. Esse foi o ponto de partida para a pesquisa realizada pelos alunos.

Logo após, foram recolhidas as atividades de pesquisa. Setenta por cento dos alunos realizaram a pesquisa, ou seja, 20 deles. Os demais alegaram não ter acesso à internet. Alguns alunos foram solicitados a comentar sobre o trabalho realizado. Eles leram parte do que estava escrito em seus trabalhos e fizemos um resumo no quadro, à medida que eles iam revelando o conteúdo da pesquisa:

- Falta de iluminação em casa e na rua;
- Sem televisão;
- Sem semáforos;
- Sem telefone;
- Sem computador;
- Não haveria trabalho à noite, só durante o dia.

Partindo do princípio de que todo conhecimento aprofunda-se com a pesquisa e que nossos alunos não estão habituados a pesquisar, vimos a necessidade de fazê-los ir ao encontro do conhecimento por meio da investigação para que tenham autonomia ao longo da vida escolar. Freire (2010, p.29) assim define a pesquisa em educação: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do

outro (...). Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Ao citarmos a falta de iluminação nas ruas, quisemos inserir o aluno no universo de profissões que foram extintas ao longo do tempo. Para tal, citamos o capítulo XIV do livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry que trata de uma dessas profissões: o acendedor de lampiões (texto que seria lido na aula seguinte). Comentamos sobre a escuridão das ruas depois que os lampiões eram apagados. Explicamos sobre o toque de recolher que havia na época e lemos um pequeno trecho do livro Cinco Minutos: “Lancei-me fora do ônibus; caminhei à direita e à esquerda; andei como um louco até nove horas da noite. Nada! ” (Alencar, 2009, p.11)

Nessa etapa, o propósito foi cumprindo. A apresentação de autor e obra foi importante por se tratar de um texto clássico e relevante para o futuro escolar dos estudantes. A pesquisa acerca da ausência de energia elétrica os fez analisar o passado, e vieram à tona questões relevantes, tais como: Que outras fontes de energia poderíamos dispor se a hidrelétrica nos faltasse? Levar o aluno a pensar é tarefa da escola.

3.3 – 3ª Etapa: Leitura

Nessa aula, fizemos a leitura do capítulo XIV do livro *O Pequeno Príncipe*:

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Mal dava para um lampião e o acendedor de lampiões... O príncipezinho não podia atinar para que pudessem servir, no céu, num planeta sem casa e sem gente, um lampião e o acendedor de lampiões. No entanto, disse consigo mesmo:

– Talvez esse homem seja mesmo absurdo. No entanto, é menos absurdo que o rei, que é vaidoso, que o homem de negócios, que o beberão. Seu trabalho ao menos tem um sentido. Quando acende o lampião, é como se fizesse nascer mais uma estrela, mais uma flor. Quando o apaga, porém, é estrela ou flor que adormecem. É uma ocupação bonita. E é útil, porque é bonita.

Quando aportou o planeta, saudou respeitosamente o acendedor:

- Bom dia. Por que acabas de apagar teu lampião?
- É o regulamento, respondeu o acendedor. Bom dia.
- Que é o regulamento?
- É apagar meu lampião. Boa noite.
- Mas por que acabas de acendê-lo de novo?

– É o regulamento, respondeu o acendedor.

– Eu não compreendo, disse o príncipezinho.

– Não é para compreender, disse o acendedor. Regulamento é regulamento. Bom dia. E apagou o lampião. Em seguida enxugou a fronte num lenço de quadrinhos vermelhos.

– Eu executo uma tarefa terrível. Antigamente razoável. Apagava de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para dormir...

– E depois mudou o regulamento?

– O regulamento não mudou, disse o acendedor. Aí é que está o drama! O planeta de ano em ano gira mais depressa, e o regulamento não muda!

– E então? Disse o príncipezinho.

– Agora, que ele dá uma volta por minuto, não tenho mais um segundo de repouso. Acendo e apago uma vez por minuto.

– Ah! que engraçado! Os dias aqui duram um minuto

– Não é nada engraçado, disse o acendedor. Já faz um mês que estamos conversando.

– Um mês?

– Sim. Trinta minutos. Trinta dias. Boa noite. E acendeu o lampião.

O príncipezinho considerou-o e amou aquele acendedor tão fiel ao regulamento. Lembrou-se dos pores de sol que ele mesmo produzia recuando um pouco a cadeira. Quis ajudar o amigo.

– Sabes? Eu sei um modo de descansar quando quiseres...

– Eu sempre quero, disse o acendedor.

Pois a gente pode ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso.

E o príncipezinho prosseguiu:

– Teu planeta é tão pequeno, que podes com três passos, dar-lhe a volta. Basta andares lentamente, bem lentamente, de modo a ficares sempre ao sol. Quando quiseres descansar, caminharás... E o dia durará o quanto queiras.

– Isso não adianta muito, disse o acendedor. O que eu gosto mais na vida é de dormir.

– Então não há remédio, disse o príncipezinho.

– Não há remédio, disse o acendedor. Bom dia. E apagou seu lampião.

Esse aí, disse para si o príncipezinho, ao prosseguir a viagem para mais longe, esse seria desprezado por todos os outros, o rei, o vaidoso, o beerrão, o homem de negócios. No entanto, é o único que não me parece ridículo. Talvez porque é o único que se ocupa de outra coisa que não seja ele próprio. Suspirou de pesar e disse ainda:

– Era o único que eu podia ter feito meu amigo. Mas seu planeta é mesmo pequeno demais. Não há lugar para dois... O que o príncipezinho não ousava confessar é que os mil quatrocentos e quarenta pores de sol em vinte e quatro horas davam-lhe certa saudade.

(*O Pequeno Príncipe*, 2005, p. 49-52)

Depois de todos terem lido o texto, explicamos-lhes que a história a ser contada teria seus cenários noturnos diferentes do que conhecemos, visto que a ausência de energia elétrica na época trazia muitas limitações, como já tínhamos constatado na pesquisa realizada. Velas e lampiões eram os recursos de iluminação existentes naquele período. Comentamos sobre a profissão de “acendedor de lampiões” existente na época e extinta após o advento da energia elétrica. Falamos também sobre o “toque de recolher” às 21h, já que nesse horário, os lampiões eram apagados e não mais era permitido andar pelas ruas, sob pena de ser detido.

Alguns trechos do livro foram transformados em tiras e distribuídos entre os alunos para que comparassem com o texto anterior e com a pesquisa realizada por eles:

“Lancei-me fora do ônibus; caminhei à direita e à esquerda; andei como um louco até nove horas da noite. Nada!” (*Cinco Minutos*, ALENCAR, 2009 p.11)

“Lancei-me para a saleta onde havia luz e coloquei o lampião sobre a mesa do gabinete em que estávamos”. (*Cinco Minutos*, ALENCAR, 2009 p. 25)

Objetivo: Ler e promover perguntas sobre o texto

Recursos: Fotocópias dos textos

Nas palavras de Solé (2009), as perguntas relacionadas ao texto indicam que os alunos estão utilizando seus conhecimentos prévios sobre o tema e têm noção do que sabem e do que ainda precisam aprender sobre o assunto. Para Cosson (2014), é necessário estabelecer “laços estreitos com o texto que se vai ler”. Para ele, responder a questões ou posicionar-se diante de um tema faz parte da construção de estímulo para ler o texto. A motivação se dá quando chamamos a atenção do aluno para determinadas possibilidades que, por si só, ele não perceberia, já que seu repertório de leitura ainda é bastante limitado. Ao entrar em contato com outros textos, cria-se um repositório de ideias e conseqüentemente este é ampliado.

3.4 - 4ª Etapa: Interpretação

Nessa aula, trabalhamos o título do romance: “Cinco Minutos”. Começamos com uma pergunta simples:

A expressão “cinco minutos” remete (ou lembra) a quê?

Todos responderam: Tempo!

Iniciamos uma discussão sobre a passagem do tempo a partir da leitura do texto a seguir:

“O tempo parou, a cidade sumiu”

O RELÓGIO da Torre Cívica em Amatrice, na região do Lácio, a 150 quilômetros de Roma, marca 3h36, o horário exato em que um terremoto de magnitude 6,2 na escala Richter atingiu o coração da Itália na quarta-feira 24. A torre medieval de 27 metros de altura foi uma das únicas construções que permaneceram de pé (a outra que se destaca na paisagem de devastação, situada alguns passos adiante, é um prédio moderno de tijolos vermelhos ocupado por uma agência bancária), mas os tremores derrubaram o seu sino e danificaram as engrenagens de seu relógio, congelando os ponteiros no horário da tragédia. Amatrice, de 2500 habitantes, assim como Accumoli, Pescara del Tronto e Arquata del Tronto, outras cidades afetadas pelos abalos sísmicos, atraíam turistas por serem paradas no tempo: pequenas, antigas, calmas, cheias de histórias. Agora, de certa forma, “não existem mais”, para emprestar a expressão usada pelo prefeito de Amatrice, Sergio Pirozzi, ao descrever o estado das coisas. Até sexta-feira, a contagem de mortos estava em 268 e ainda havia vítimas sob os escombros. Quase não se tinha esperança de que ainda pudessem ser resgatadas com vida. Se repetir o exemplo de L’Aquila, cidade italiana devastada por um terremoto em 2009 (ocorrido às 3h32!) e que até hoje ainda não foi inteiramente reconstruída, Amatrice continuará parada no tempo: nas fatídicas 3h36 de 24 de agosto de 2016.

Diogo Schelp (Revista Veja, edição 2493 – ano 49 – nº 35 – 31 de agosto de 2016)

➤ Após a leitura do texto, propusemos aos alunos que ficassem estáticos por 15 segundos e perguntamos-lhes: Foi muito tempo? Demorou? Passou rápido? Resposta unânime: “Passou rápido!”

Mostramos-lhes a foto que ilustrava o texto lido anteriormente: escombros de muitas casas que foram destruídas pelo terremoto. E perguntamos: “Vocês sabem quanto tempo durou esse terremoto?” E informamos que durou 15 segundos. O objetivo dessa aula foi detectar a ideia principal do texto que, por sua vez, remetia à ideia do texto que eles iriam escutar posteriormente. Os alunos foram estimulados a refletir sobre a influência psicológica do tempo em nossas vidas. Quinze segundos são irrelevantes desde

que não estejamos sob o efeito de um tremor de terra que poderá usurpar nossa existência. Cinquenta minutos assistindo a uma aula não terá em nossa mente o mesmo efeito de cinquenta minutos passeando no shopping center. Embora o espaço de tempo seja o mesmo, o evento que nos proporciona prazer tende a parecer que passou mais rápido. Há uma explicação científica para isso. Quando estamos envolvidos em uma atividade que consideramos prazerosa, nosso cérebro libera uma substância conhecida como dopamina, que causa sensação de bem-estar. Essa substância influencia em nossa percepção de tempo e nos dá a impressão de que este passou mais rápido. Segundo Chopra (2015, p.13): “Nosso cérebro não só interpreta o mundo, mas o cria”.

Para Solé (2009), o grande desafio é que, aos poucos, o aluno ganhe autonomia e possa elaborar por ele mesmo, sem ajuda do professor, conceitos aplicados anteriormente.

Voltamos para o título do livro. Explicamos a eles que por causa de um atraso de cinco minutos, a vida do narrador deu uma reviravolta, e o seu cotidiano foi abalado por um encontro inesperado.

“Entusiasta da liberdade, não posso admitir de modo algum que um homem se escravize ao seu relógio e regule as suas ações pelo movimento de uma pequena agulha de aço ou pelas oscilações de uma pêndula”. (ALENCAR, 2009, *Cinco Minutos* – p. 7)

ATIVIDADE: Com uma única frase defina a palavra “tempo”.

Nessa aula ainda, lemos o primeiro capítulo do romance intitulado Cinco Minutos. Os alunos leram silenciosamente, depois cada um leu um fragmento. Por ser uma obra clássica, a leitura trouxe dificuldades e dúvidas aos alunos do 6º ano. De acordo com Solé (2009), na leitura silenciosa é normal que os alunos recorram ao professor sempre que se deparam com palavras cujos significados eles desconhecem. Isso de fato aconteceu porque havia muitos vocábulos que eram totalmente desconhecidos para eles.

Existem casos em que, avançando a leitura, o aluno consegue inferir o significado da palavra a partir do contexto. Contudo, isso não aconteceu por ser um texto escrito numa época muito anterior e, principalmente, porque os alunos têm o léxico bastante reduzido. Ao fazermos a leitura em voz alta, percebemos que eles tropeçavam bastante nas palavras desconhecidas, provavelmente por estarem entrando em contato com elas há pouco

tempo. Todas as palavras foram circuladas e o seus significados devidamente procurados no dicionário.

Palavras listadas pelos alunos:

- Oscilação
- Pêndula
- Resignação
- Monótona
- Ordinário
- Insípida
- Farfalhar

ATIVIDADE: Uso do dicionário

Essa atividade evidenciou que uma parte dos alunos ainda não tinha a familiaridade necessária com o dicionário. A maioria desenvolveu bem a atividade. Outros, porém, não conseguiram a mesma performance. Percebemos que é importante o uso dessa ferramenta em sala de aula. O uso constante dela amplia o vocabulário dos discentes.

A partir da 5ª até a 10ª aula, iniciamos a contação da história com os alunos devidamente familiarizados com diversos elementos relativos à história. Ou seja, houve uma motivação anterior; criou-se uma expectativa para ouvir a história. Para Solé (2009): “Essas reflexões antes da leitura podem contribuir para que seu ensino e sua aprendizagem se tornem mais fáceis e produtivos”.

Antes de iniciar o reconto, explicamos aos alunos que etimologicamente existe uma diferença entre ouvir e escutar. O ouvir está ligado à percepção de sons e na escuta ouvimos com interesse. Portanto, o objetivo da nossa aula, naquele dia e nos dias subsequentes, seria eles escutarem a história. Pedimos-lhes que anotassem o conteúdo da contação, pois ao final transformariam o texto oral em texto escrito. Dentre os vários textos escritos, escolhemos aleatoriamente quatro alunos para proceder a algumas análises da pesquisa em questão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os alunos, de uma forma geral, os atos de ler e escrever deveriam ser tarefas tão simples quanto brincar de videogame ou bater papo num site de relacionamentos da internet. No entanto, a realidade de crianças e adolescentes em relação à leitura e à escrita é bem diferente.

Alunos que conversam tanto com seus colegas no recreio, quando se deparam com uma folha em branco, onde terá que expor seu raciocínio de forma organizada, paralisam seu pensamento e as mãos não trabalham. Este péssimo desempenho em relação à escrita é consequência da falta de empenho no que concerne à leitura. A ampliação lexical de um indivíduo ocorre, principalmente, quando ele lê. O surgimento de ideias também.

O trabalho com leitura deve ser uma prática constante. Se por um lado tem o objetivo de formar leitores competentes, por outro constitui a matéria prima do ato de escrever. Um leitor competente é também aquele que por iniciativa própria seleciona, de acordo com suas necessidades e interesses, o que ler entre os vários tipos de texto que circulam socialmente. Para que isso se efetue, a escola deve promover uma prática constante de leitura, organizada em torno de uma diversidade de textos. O ideal é que o professor seja um bom leitor e que esteja sempre atualizado.

Neste contexto, torna-se imprescindível também que os pais ofereçam livros a seus filhos e leiam com eles e para eles. A escola, por sua vez, deve criar ambientes propícios e profícuos a uma boa leitura. O cérebro humano tem um potencial precioso que precisa ser desenvolvido, e sem leitura não há como extrair dessa máquina toda a força que ela tem para dar.

Sabemos que as dificuldades são bastantes em uma sala de aula. Justamente por esse motivo, alunos da educação básica devem ser doutrinados desde as primeiras séries à prática constante e ininterrupta da leitura. Não aquela obrigatória, mas a leitura fruitiva, prazerosa. A contação de histórias inspira outras histórias e se transforma em uma ponte para os livros.

O objetivo maior deste projeto foi mostrar que a contação de histórias cabe em qualquer etapa da vida escolar. A partir das atividades propostas e realizadas em 10 aulas – cinco das quais foram utilizadas para contação –, percebemos que houve empenho por parte dos alunos. A atividade de pesquisa que eles realizaram foi bastante proveitosa, pois os levou a novas descobertas.

Apoiando-nos nas teorias sobre leitura, letramento e reconto, elaboramos uma proposta de intervenção que, desenvolvida em 10 aulas, comprovou que é possível atrair o aluno para a leitura e para a escuta de textos. Percebemos a ansiedade da turma, a cada aula de contação. Quando o sinal tocava, eles não saíam da sala, pois estavam envolvidos e desejosos de saber o final. Houve prazer na escuta, houve atenção. Podemos dizer que eles ouviram atentamente a voz do semelhante (professor) e, com interesse. Segundo Cândido (2004), somos humanos à medida que nos abrimos à arte, e isso nos leva a ser mais solidários com a natureza, com a sociedade e com os iguais.

Constatamos que não basta mandar o aluno ler ou reclamar porque ele não o faz. É preciso criar estratégias que o envolvam. A sequência didática de Cosson (2014) e as estratégias de leitura de Solé (2009) foram primordiais para colocarmos em prática a proposta de intervenção. Acreditamos na viabilidade e na eficácia da nossa proposta. Ainda que estejamos imersos em um mundo tecnológico, contar histórias é uma ferramenta milenar e eficaz. Esperamos que esta proposta de trabalho seja mais uma contribuição para aqueles que se preocupam em garantir aos seus alunos um aprendizado eficaz e, por que não dizer, lúdico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. M. de. **Cinco Minutos**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

CHOPRA, Deepak; TANZI, Rudolph E. **Supercérebro**: como expandir o poder transformador da sua mente. São Paulo: Alaúde editorial, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JR., Celso Ferrarezi. **Ensinar o Brasileiro**: respostas a 50 perguntas de professores de língua materna. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2015.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 1996

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SAINT-EXUPERY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Agir, 1984

SCHELP, Diogo. **O tempo parou, a cidade sumiu**. VEJA, São Paulo, Ed. Abril, edição 2493, ano 49, nº 35, 31 de agosto 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2009

TOLEDO, Renata F.; Jacobi, Pedro R. **Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas**. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 04 out 2016

TOKUHAMA-ESPINOSA, Tracey. **Dilema de mestre – Atenção do aluno dura 20 minutos**. Disponível em: www.educacaodeficiente.blogspot.br. Acesso em: 04 out 2016.